

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

APOCALIPSE

CONTOS E POEMAS SOBRE O FIM DO MUNDO

SELO

CONEXÃO LITERATURA



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2021

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS

Introdução: Por Gilmar Duarte Rocha, pág. 04
Assistindo ao fim do mundo da varanda, por Ana Beatriz Franco, pág. 06
Missão de fé, por ALZ2001, pág. 10
No dia em que o mundo acabou, por Cleber Gimenes Freitas e Erica Ribeiro de Almeida, pág. 12
Ponto de vista, por Elis Schwanka, pág. 16
Por quê?, por Elis Schwanka, pág. 18
Um dia no limiar do fim do mundo, por Evelyn Mello e Hugo Brasarock, pág. 20
Fuga glacial, por Gisele Wommer, pág. 25
Quatro, por Henrique Leto, pág. 31
O grande colapso, por Lucas Pessô Feniman, pág. 36
Reunião derradeira, por Marcos Souza, pág. 39
O fim do fim, por Roberto Minadeo, pág. 43
Pela raiz, por Roberto Schima, pág. 51
Centelha da vida, por Sid Fontoura, pág. 59
Não era mais o mesmo mas estava em seu lugar, por Tatiana Araújo, pág. 62
Apocalipse de mim, por Veronica Stivanim, pág. 68
Conheça outros títulos da coleção, pág. 72

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br
www.facebook.com/conexaoliteratura



INTRODUÇÃO

Por Gilmar Duarte Rocha (*)

O conteúdo do último livro da Bíblia Sagrada, de nome Apocalipse, chegou ao discípulo São João sob a forma de revelações divinas e o livro se configurou no mais sombrio, enigmático e intrigante do tomo bíblico. Na outra face do espelho, sem pretender emular em predições com a obra sacra, temos este homônimo Apocalipse – Contos e Poemas sobre o Fim do Mundo, uma brilhante coletânea de textos compilados e selecionados por Ademir Pascale, histórias que tratam do fim do mundo da mesma forma que o último tópico do cânone bíblico, mas que foram gestadas por criaturas de carne e osso, inspiradas e portadoras de vasta imaginação.

Mas tudo de fato aqui nesta obra se resume ao medo, que foi bem tratado no contexto da introdução desta obra, medo esse que nos seduz, nos regra, e nos impõe limites de sobrevivência neste mundo cada dia mais enigmático, sombrio e incerto.

Lendo estas maravilhosas histórias, vêm-nos a reflexão o instigante trinômio “de onde viemos, qual o nosso papel neste mundo, e qual o nosso destino”, porque nós, humanos, somos constantemente submetidos a provas e provações, como se tivéssemos que pagar um preço pelo ar que a gente respira; pela luz do sol que nos ilumina; pela matiz do luar que nos fascina; pelo azul brilhante do mar que nos cega; pelo esplendor dos lírios dos verdes campos que nos arrebatam de contentamento. Tudo isso tem preço, sim. A luta constante pela sobrevivência, a batalha pelo pão do dia de amanhã, o enfrentamento de fenômenos como terremoto, maremoto, enchentes, tufões, tsunamis, a contenda constante contra trilhões de seres microscópios, quase invisíveis, que parecem querer nos expulsar deste universo desde a gênese, desde quando o homem começou a registrar os acontecimentos através da escrita. Será, de fato, que seremos expulsos de vez deste plano terrestre através do apocalipse? Será que desapareceremos do infinito ou seremos transportados para a décima-sétima dimensão? Quem sabe.

Talvez resida ainda um pouco de esperança se recuarmos 600 anos no tempo, antes do período das caravelas. Ponham-se no lugar das criaturas que viviam naquela época, sem luz, sem a TV, sem a geladeira, sem a água potável, sem o automóvel, sem o antibiótico, sem o conhecimento do conhecimento, sem esperança, e de repente resolvem seguir os visionários, aqueles intrépidos homens de calças meia apertada, que singram os oceanos

em busca de esperança e na esteira deles aparecem uma centena de desbravadores da ciência, munidos de lunetas, microscópios, régua, compasso, algoritmos e acabam desvelando uma nova perspectiva para a humanidade, uma sobrevida. Quem sabe se não teremos outra virada como essa ou sucumbiremos de vez agora.

Será?

Mas como disse Isaac Asimov: “Espera mil anos e verás que será precioso até o lixo deixado atrás por uma civilização extinta”. Enquanto isso, vamos nos deleitar com o mistério e o medo e devorar estes escritos inspirados e inspiradores desta maravilhosa antologia, tão bem selecionada, promovida e editada pelo mestre Ademir.

Boa leitura!

(*) Gilmar Duarte Rocha é autor de romances, contos, artigos e crônicas. Membro eleito da Academia Brasiliense de Letras, atualmente é diretor de bibliotecas da Associação Nacional de Escritores.



APRESENTAMOS O CONTO
ASSISTINDO AO FIM DO MUNDO DA VARANDA
POR ANA BEATRIZ FRANCO

Sobre a autora: Ana Beatriz Franco, nasceu em 1962 no Rio de Janeiro, trabalha há 26 anos como Analista de Suporte em Redes de Computadores na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e também participa como técnica de computação do experimento CMS (Compact Muon Solenoid) do CERN (Centro Europeu de Pesquisa Nuclear) desde 2013. Seu interesse pela escrita surgiu na infância, possui formação em Ciência da Computação e em Física (incompleta).

São 15 horas 42 e minutos e estou esperando o fim da minha vida. Afinal, a onda mortal não vai demorar a chegar aqui. Enquanto isso os satélites transmitem ao vivo as imagens de tsunamis se movendo como montanhas mundo afora: vemos a morte chegando depressa ao vivo e a cores. As transmissões via satélite não tem corte, nem edição. As ondas estão a cerca de 600 km da costa do Brasil e se aproximando rápido. As redes de acesso à internet do meu celular e da casa caíram, soube pela TV que as redes de dados e telefonia estão congestionadas e vários entroncamentos estão fora do ar também.

Ouçõ choros e gritos desesperados da vizinhança. Os animais ficaram loucos: latindo e miando desesperados. Olho para o céu e vejo pássaros voando em padrões desconexos. Acabo de ver um homem se jogando da varanda do edifício ao lado e gente correndo na rua sem ao menos olhar para o corpo agonizante na calçada. No intuito de tentar escapar do inevitável, as pessoas estão saindo das suas casas e correndo a pé sem destino — fugindo da desgraça que se aproxima. Outros estão dirigindo seus carros em direção à saída da cidade, não respeitando semáforos ou cruzamento. Batidas de carros e atropelamentos ocorrem a todo minuto, as pessoas descem dos veículos para se agredir. De repente, escuto um tiro seguido de um grito: alguém baleou uma pessoa na rua. Ao lado escuto a vizinha histérica berrando que não quer morrer. O marido grita para ela calar a boca e dá um tapa nela, a criança chora aos berros e a criada evangélica reza para Jesus a salvar. O vizinho de cima coloca um *heavy metal* a todo volume, começa a gritar e a pular de forma descontrolada na varanda, enquanto a TV anuncia a desgraça iminente e recomenda a população ir para o interior do estado, longe do litoral.

Estou na minha varanda, aguardando a destruição chegar a passos largos. Moro em Niterói, estado do Rio de Janeiro, e meu edifício fica à beira mar de frente para a entrada da Baía de Guanabara, onde visualizo com clareza de um lado a Fortaleza de Santa Cruz e do outro o Pão de Açúcar. Não tenho o que fazer. Meu prédio vai ser atingido pela força da onda e de outros prédios caindo num efeito dominó: tudo vai ruir. Provavelmente vou morrer esmagada ou afogada ou os dois. Não tenho arma dentro de casa, para tentar um suicídio rápido, tenho horror à sangue, contar os pulsos, o pescoço ou a veia femural não é uma opção, portanto, tomei meus remédios para dormir, todos de uma vez com whisky, para assim não reagir ao inevitável. O pior é que não estão fazendo efeito — adrenalina

alta, talvez. A minha ideia era apagar e não ver o que está por vir. Me recostei no sofá da varanda para assistir a onda chegar e morrer confortável.

De acordo com o noticiário, depois que o meteoro caiu no Oceano Pacífico, perto da costa americana, houve movimentos em todas as placas tectônicas da crosta terrestre — de qualquer forma, a verdade agora não importa mais. Os sensores sísmicos ficaram loucos, todos os vulcões, tanto os ativos quanto os adormecidos, em todos os continentes, entraram em atividade e inúmeros terremotos com tsunamis passaram a varrer o globo. A Califórnia, o Havaí, o Japão, a Indonésia e Cingapura, afundaram no mar, a maioria das ilhas do Pacífico sumiram, a Europa ocidental está sucumbindo sob o efeito das erupções dos vulcões e terremotos, Nova York foi destruída por uma onda gigante, o vulcão do Parque Nacional de Yellowstone explodiu, as ilhas do Caribe estão sendo arrasadas por furacões seguidos de enchentes e todos os países da costa do Pacífico da América do Sul e Central também acabaram vítimas dos tsunamis e da força dos seus vulcões. Aqui no Brasil, terremotos fortes atingiram várias regiões, a maioria dos prédios da cidade de São Paulo desabou matando milhares, os prédios do Centro do Rio e a ponte Rio-Niterói ruíram e eu assisti tudo da minha varanda. A barragem de Itaipú rompeu, inundou parte da região Sul e Buenos Aires sumiu do mapa. Para completar o quadro, os tsunamis estão vindo para arrasar as costas do Atlântico Sul.

De repente me lembro do meu pai e bate uma imensa saudade, ele costumava citar uma frase bem interessante do Albert Einstein sobre a Terceira Guerra Mundial: "Não sei como será a Terceira Guerra Mundial, mas sei como será a Quarta: com paus e pedras". Imagens da minha infância surgem na mente, quando meu pai me levava na pracinha, para brincar. Comprava pipoca e lanche Mirabel para disfarçar a fome. Eu corria em volta do laguinho, brincava nos brinquedos da Praça Afonso Pena, na Tijuca, era feliz. Quando fiquei mais velha, nos momentos em que não estávamos discordando sobre este ou aquele assunto, discutíamos sobre temas diversos como história, política, profecias apocalípticas e claro, o fim do mundo. Nunca imaginei que viveria para ver o fim de tudo, naquela época as coisas pareciam distantes, vai ser daqui a 100 anos dizia ele. Muito depois do ano 2000, pois a humanidade do jeito que está não vai longe. Enfim teremos um final apocalíptico, que não foi fruto de guerras. Um fim com muito fogo, vento e água, assim como descrito por São João na Ilha de Patmos. Por enquanto, o Messias ainda não voltou, mas

candidatos a anticristos temos vários, a maioria mandatários de seus respectivos países, cito Venezuela, EUA, Rússia, China, Coreia do Norte e no Brasil temos uma família dominante, que passa o poder de pai para filhos há décadas.

O céu está escurecendo, começa a chover, raios e trovões se apresentam, ouço um som ensurdecedor, como num ralo gigante esvaziando, vejo as águas da Baía da Guanabara serem sugadas, com uma força descomunal, levando barcas, barcos, pequenos navios, arrastando plataformas de petróleo e navios grandes; olho para baixo e vejo o fundo da baía com peixes se debatendo, um golfinho encalhado, barcos afundados, lodo e muito lixo, fico fascinada observando o precipício que se abre diante dos meus olhos.

Vários minutos se passaram, não consigo saber quantos, deixei o relógio na sala. Uma ventania levanta poeira e areia, ao longe uma onda enorme se eleva na entrada da Baía de Guanabara, maior que o Pão de Açúcar, uma montanha de água e destroços com mais de 400 metros de altura, se deslocando em alta velocidade. Vai varrer tudo! A Fortaleza de Santa Cruz desaparece num estrondo, os bairros da Urca, Botafogo e Flamengo são tragados pela vaga. Tudo agora acontece em câmera lenta, o som é descomunal, a ventania empurra tudo contra a parede, eu tento me levantar e grito, os vizinhos gritam também, uma verdadeira cacofonia do fim do mundo. Leva segundos para a onda chegar até onde estou. Sinto um impacto e uma dor lancinante, não vejo mais nada, é o fim.





APRESENTAMOS O POEMA

MISSÃO DE FÉ

POR ALZ2001

Sobre o autor: André Luiz Martins de Almeida, nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro, mas registrado em Nova Iguaçu. Mora em Queimados desde a infância, mas já morou em outros bairros de Nova Iguaçu e outro Estado como Rio grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Aprendeu poesia nos livros e se inscreveu no Varal de literatura na Escola Estadual Dom Bosco em 1986, com seu primeiro poema e recebendo um certificado de participação. Em 1987 passou a escrever continuamente. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o Concurso Novos Poetas - Poetize 2016 da Editora Vivara Nacional, vindo a participar de outros concursos nacionais em 2016. Atualmente está na Reserva da MB, é membro ativo da PIBQ (Primeira Igreja Batista de Queimados) desde 2014, onde se batizou em março de 1991. Publicou seu primeiro livro completo "Antologia Poética -Aspirações de um Discípulo" pela Drago Editorial em 2019.

É, parece mesmo que o fim está mais próximo!
Para o discípulo firmado na fé, isto é ótimo!
Sua missão de fé é libertar muitos de um mau tóxico.

Realmente, é uma missão de fé resgatar corações,
Que ainda não se esfriaram devido às orações,
Pois ainda estão perdidos, cultuando falsas adorações.

Não sabeis o tempo que a missão durará.
Coragem! Com seu esforço o futuro deles mudará.
Alguns o seu empenho apenas acompanhará.

Tenha bom ânimo! O seu trabalho faz com que Jesus se apresse.
Ele dos seus amados não se esquece,
Somente aquele que o rejeita, é o que perece.



APRESENTAMOS O CONTO
NO DIA EM QUE O MUNDO ACABOU

POR CLEBER GIMENES FREITAS E ERICA RIBEIRO DE ALMEIDA

SOBRE OS AUTORES:

CLEBER GIMENES FREITAS

É graduado em Letras e Filosofia e pós-graduado em Educação Especial na área de Altas Habilidades/Superdotação. Atualmente é professor de Língua Portuguesa na rede municipal de São Paulo.

ERICA RIBEIRO DE ALMEIDA

Possui formação em Canto Técnico pelo Conservatório Dramático Musical de São Miguel - Oreste Sinatra, graduação em Educação Artística e pós-graduação em História das Artes e Arte Educação. Atualmente é professora de Arte na rede municipal de São Paulo.

No edifício The Last World Tower, no dia em que o mundo acabou, Marcelo estava em seu quarto, olhos fixos em seu smartphone, visualizando e rindo das postagens de seus vizinhos de condomínio na *A Rede Social*. Ele pensava se deveria ou não mudar a sua foto de perfil, quando sentiu o prédio tremer. Correu para a janela e notou que imensas bolas de fogo caíam do céu, incendiando carros, lojas e pessoas. Marcelo não teve dúvidas, pegou seu smartphone e tirou uma selfie na janela, com chamas, fumaça e destruição ao fundo. Ele aplicou um filtro *noir* na foto e depois a publicou na *A Rede Social*, com um *emoji* de alegria e a legenda “Uhuuu, é o fim do mundo!”.

QUINTO ANDAR

No quinto andar, assim que Marcelo postou a selfie, o prédio voltou a tremer, então ele decidiu abandonar seu apartamento. Enquanto descia as escadas, já que os elevadores não estavam funcionando, tentou acessar a internet, mas seu smartphone estava sem sinal.

QUARTO ANDAR

No quarto andar, Marcelo deu de cara com o pastor Eder, que costumava encher a sua *timeline* com versículos bíblicos, marcando todos os condôminos nas postagens. “É o Apocalipse! É a fúria de Deus contra os pecadores! Eu avisei!”, gritava ele. Os dois continuaram descendo, um com os olhos fixos no smartphone, o outro com os olhos fixos na Bíblia, ambos clamando por um sinal.

TERCEIRO ANDAR

No terceiro andar, Cléo apareceu, surpreendendo Marcelo e o pastor Eder, pois era a primeira vez que eles viam a vizinha sem maquiagem. Ela descia as escadas desesperada, tentando a todo instante cobrir o rosto com o cabelo. Diante disso, Marcelo se sentiu profundamente enganado, pois notou que a sua musa, de quem ele curti todas as fotos e para quem mandava comentários cheios de coraçõezinhos, era *fake*. E nada de sinal.

SEGUNDO ANDAR

No segundo andar, quase foram atropelados por uma dúzia de gatos que surgiram em disparada, seguidos por Felícia, sua “mamãe”. Estavam todos de gravatinhas, ou lacinhos, exatamente como costumavam aparecer nas fotos que ela compartilhava na *A Rede Social*. “Filhinhos, esperem a mamãe”, gritava ela, com uma vozinha caricata. E, diante de tanta fofura, o desespero de Marcelo, que ainda estava sem sinal de internet, diminuiu um pouco e ele até esboçou um sorriso.

PRIMEIRO ANDAR

No primeiro andar, o vizinho da porta da direita, Allan, discutia com o vizinho da porta da esquerda, Henry: “Isso só pode ser coisa de comunista chinês!”, gritava um. “Se o mundo está acabando, é porque ele está cheio de pessoas que não enxergam a realidade, como você!”, respondia o outro. A discussão estava nesse pé, quando Marcelo, os gatos e os demais moradores chegaram. Os dois travavam verdadeiras batalhas políticas na *A Rede Social* e viviam tendo publicações denunciadas, ora como mentirosas, ora como ofensivas. Marcelo não se ofendia com nada e, para não ficar mal com ninguém, sempre curtia as postagens de ambos. “Estou do lado da briga”, pensou e quis publicar esse pensamento, mas continuava sem sinal de internet.

TÉRREO

No térreo, quando finalmente puderam sair do prédio, perceberam que estavam encurralados. À direita, uma explosão tinha criado uma imensa cratera, um abismo de escuridão sem fim, e à esquerda uma parede de fogo se formou, com chamas de pelo menos dez metros de altura. Atrás deles, o edifício The Last World Tower parecia prestes a desmoronar, enquanto na frente dos infelizes, a imensa torre de uma operadora de celular começava a se inclinar, inevitavelmente, para baixo.

APOCALIPSE

No apocalipse, pouco antes de serem esmagados, cada um reagiu como pôde. O pastor Eder fechou os olhos, agarrou a Bíblia e começou a orar; Cléo ajeitava o cabelo freneticamente e procurava nos bolsos o seu batom cor de cereja; Felícia se esforçava

para envolver todos os seus “filhinhos”, que não paravam de miar, num derradeiro abraço; Allan e Henry discutiam com os dedos em riste e trocavam cusparadas; e Marcelo tentava, pela última vez, obter um acesso à internet.

FIM

No fim, eis que o milagre aconteceu: Marcelo recebeu um sinal, um pequeno sinal, em seu smartphone. Rapidamente, ele acessou *A Rede Social*, deslizou o dedo, percorreu a sua *timeline* e foi dominado por um enorme, um dilacerante sentimento de vazio, pois ninguém, absolutamente ninguém, havia curtido a sua foto. Em seguida, no dia em que o mundo acabou, a torre de celular despencou, esmagando, indiscriminadamente, homens, mulheres e gatos.



APRESENTAMOS O POEMA
PONTO DE VISTA
POR ELIS SCHWANKA

Sobre a autora: Elisandra Cecilia Schwanka de Oliveira é de Curitiba, no Paraná. Formada em Pedagogia e Letras. Apaixonada pela Educação. Participou em vários cursos de formação na área, das Antologias: "Gratidão", "Se Essa Lua Fosse Nossa", "Alegria", "Café com Literatura" e "Amor sem fronteiras". Da escrita de livros técnicos didático-pedagógicos e artigos na área de pedagogia e gestão. Vem se aventurando na escrita literária.

O fim do mundo

Para alguns

Pode ser um recomeço

Para outros

Depende do ponto de vista





APRESENTAMOS O POEMA

POR QUÊ?

POR ELIS SCHWANKA

Sobre o autora: Elisandra Cecilia Schwanka de Oliveira é de Curitiba, no Paraná. Formada em Pedagogia e Letras. Apaixonada pela Educação. Participou em vários cursos de formação na área, das Antologias: "Gratidão", "Se Essa Lua Fosse Nossa", "Alegria", "Café com Literatura" e "Amor sem fronteiras". Da escrita de livros técnicos didático-pedagógicos e artigos na área de pedagogia e gestão. Vem se aventurando na escrita literária.

Por que precisa perder
para dar valor?
Por que o que é do outro
tem mais cor e mais sabor?

Por que reclamar
se temos tanto para agradecer?
Por que ignorar
enquanto há tanto a perceber?

Por que isso e não aquilo?
Por que assim e não assado?
Por que fulano e não ciclano?

Vai entender o porquê!
Só vai saber quem
fez essas escolhas para viver.
Porque cada um tem suas particularidades
e diferentes afinidades.

Porém mais simples seria
se todos tivéssemos mais empatia
para pensar além
afinal atitudes impensadas
podem tornar o fim do mundo de alguém.



APRESENTAMOS O CONTO
UM DIA NO LIMIAR DO FIM DO MUNDO

POR EVELYN MELLO E HUGO BRASAROCK

SOBRE OS AUTORES:

EVELYN MELLO

Possui Graduação em Letras - Espanhol pela Universidade Federal de São Carlos (2007) e Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2011), é Doutora pelo programa de Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e pós-doutoranda pelo Programa de Estudos Literários da Ufscar.

HUGO BRASAROCK

É músico, compositor, ilustrador e professor. Graduado em Letras pela UFMS, com especialização em Língua Inglesa pela Cornestone University.

O cheiro da coisa era ocre e acre. Abriu a janela para espantar o aroma nauseabundo e conseguir um pouco de ar. Não era fácil. Uma vida de sufocos. Luta para ser quem se é. Quando se sabe o que, quem e quando. Aliás, o mais complexo é quando.

Por incrível que pareça, o não haver noção de tempo ou se haveria amanhã, lhe rendera o episódio mais bizarro de sua vida. Olhou no espelho, mas não refletiu. Ficou perplexo.

Respirou fundo. Ligou o computador. Acessou a notícia da última hora: um meteoro passaria muito próximo da órbita da Terra, uma coincidência com o calendário Maia que previa o fim dos tempos. Respirou de novo, mas agora aliviado. A vida parada precisava de um pouco de emoção.

Foi até a gaveta. Hesitou. Abriu um pouco. Olhou o conteúdo. Fechou. Deu mais dois passos para trás. Criou coragem e abriu de supetão. Ali estava. O velho revólver que herdara do pai, que herdara do avô, que herdara do bisavô e por aí vai... Enfim, uma arma de estirpe, glória e tradição. Com todo cuidado a tirou da gaveta. Sentou-se na velha cadeira de balanço que igualmente acalentara o sono dos antepassados.

Quase com doçura, abraçou a arma e embalou no balanço como quem faz criança dormir. Pensava que o fim dos tempos era mesmo justificável e que apenas os merecedores seriam capazes de sobreviver. Despertou dos íntimos devaneios em sobressalto. Abriu o jornal. Eram inumeráveis as notícias de aberrações. Recortou a cabeça de todos aqueles com quem não simpatizava. Foi até o mural, onde fixava as borboletas que colecionava, e espetou uma a uma.

Adormeceu no acalanto da cadeira.

Os jornais não eram mais os mesmos. Pela manhã, nenhuma notícia do meteoro. Procurou na internet. Encontrou meia dúzia de menções pequenas e mais uma que, em tom aliviado, detalhava que passara raspando pelo sentido da Cordilheira dos Andes, mas sua velocidade e tamanho o direcionaram para fora da atmosfera, portanto, sem ameaça à vida humana.

“Hum... jornaleco burro! Como é que algo passaria raspando em um planeta que é plano?”
– raciocinava, a alma doente.

A indignação movia cada passo. Onde estavam os incêndios? O sofrimento? Aquelas criaturas nojentas da floresta contorcendo-se de dores e queimaduras? O projeto da humanidade, que dera errado, virando cinzas e esquecimento?

Foi quando Dagoberto olhou para seu colo. Sempre gostou dessa palavra. “Colo”, “Ventre”, “Útero”... Talvez seria ele a salvação do mundo... um novo conceito de vida mais forte... mais feroz e aterradora... com ares de menina atrevida, entendeu o sinal que deus lhe enviara. No seu colo macio, no cobertor do seu ventre fofo... repousava a redenção. Lá estava o revólver da família. O fim daquele mundo sórdido não precisava de um meteoro. Precisava de Dagoberto.

Aquele era um momento epifânico. Sempre soubera ser um iluminado. Apenas tivera certeza, agora, de que uma grande missão o esperava. Saiu.

Olhou de um lado para o outro, apenas para ver, nada além disso. Não precisava pensar muito, até porque não era seu forte, era um homem de ação, era um homem viril, família de machos. Ali, a alguns passos, estava a igreja. Lembrou-se, quando vestido de coroinha, a mãe lhe dissera que a salvação do mundo estava em deus e na mãe redentora. De novo a necessidade do útero. Uma gota de suor escorreu pelo queixo e caiu com orgulho em seu peito cabeludo. Tremia quando ela o cutucou: “Moço, tem a hora?”

Ele virou a cabeça lentamente e a olhou nos olhos durante dois segundos. Apontou-lhe a arma e disparou à queima-roupa, bem no meio da testa. Sem esperar muito tempo, arrastou o corpo pela rua, rumo à igreja. Quando adentrou, algumas senhoras rezavam o rosário e, ao levantar a cabeça, viram, atônitas, a cena que se desenrolava diante delas. O homem arrastava a moça, deixando um rastro de sangue, rumo ao altar. Congeladas e com o grito encravado na garganta, não puderam reagir. Queriam não ver, mas os olhos, arregalados, recusavam-se a fechar.

Porém, o mais extravagante estava por vir. Ao chegar ao altar, o homem ajeitou a moça com doçura e cuidado, começando a cantar: “Oh minha senhora e também minha mãe...”, e, ao mesmo tempo, retirava do bolso largo da calça uma faca. Olhou-a como quem inicia uma importante tarefa e, diante das mulheres, fez o corte na barriga do cadáver. Com o mesmo imperturbável rosto, retirou-lhe o útero com ambas as mãos, como nos rituais de consagração, erguendo-o às vistas das mulheres que agora, dividiam-se entre vomitar e desmaiar. Apenas uma foi capaz de correr.

Foi nesse momento que o padre entrou.

“Padre, eu pequei!” – ajoelhou-se o Dagoberto ante ao sacerdote.

“Meu filho...” – o padre improvisava suas admoestações a fim de conter o insano homem enquanto ganhava o tempo necessário para pensar e agir. O pecador sorriu diabolicamente e, enquanto empalava o padre com seu próprio bastão de peregrino, recitava frases ininteligivelmente inventadas, tentando imitar um falso latim.

As beatas tiveram uma espécie de orgasmo inverso. Tal era o sofrimento diante da cena brutal, seus corpos tremiam e espasmavam violentamente em meio às lágrimas prenunciáveis do fim.

O homem ridiculamente deselegante e mal vestido, tal qual uma criança indo ao catecismo, encarou as senhoras enfileiradas de forma patética, como quem espera sua vez de tomar a vacina. Dolorida, mas necessária.

“Agora eu pergunto...” – dizia pela primeira vez em todos os seus trinta e nove anos, sob um tom autoritário, um Dagoberto renovado e seguro de si – “...por que motivo vocês, mulheres, seres tão... inferiores, portam o sagrado dom de fecundar uma vida? Por que vocês... logo vocês... têm útero?” – ele virou-se para a cruz central da capela, como que falando com a imagem do crucificado: “Por quê?” – e chorava copiosamente – “Por quê? Deus do céu... por quê?”

Possuído e como numa espécie de transe o homem se ajoelhou. Foi exatamente assim que a polícia o encontrou. Sentado, devorando o útero. As mulheres assistiam à cena atônitas sem crer ainda que aquilo tudo fosse verdade. Os policiais o detiveram sem qualquer dificuldade.

Anos depois, o mundo não acabara. A vida seguia com seu ritmo implacável. Dagoberto era um novo homem. Amargara anos na prisão e ainda seguia encarcerado. Era, entretanto, responsável pelo resgate da alma dos presidiários, conhecido como Profeta e, além de realizar evangelização, também compartilhava suas previsões sobre os fins dos tempos e tragédias que a humanidade ainda enfrentaria por viver em pecado. Inevitável o rolar de lágrimas diante daquele homem que encontrara em Jesus sua ressignificação.

Dagoberto era, sem dúvida, um exemplo de salvação. Tão bem sucedido em sua caminhada rumo ao senhor, que as senhoras, sobreviventes do episódio da igreja,

tornaram-se suas seguidoras. Todo dia de visita, invariavelmente, ali estavam elas, com mimos, bolos de milho e pão do padre, para trocar ideias sobre salvação. Verdadeiros sinais do apocalipse. Eis o mistério da fé.





APRESENTAMOS O CONTO

FUGA GLACIAL

POR GISELE WOMMER

Sobre a autora: Gisele Wommer é formada em Letras, tem a literatura por rotina, seja lendo ou se dedicando a contos e romances, a maioria na temática dark. É autora dos romances *Ao Cair da Neblina* e *Amargas Lembranças*, histórias de drama e suspense que têm encantado leitores pelo Brasil. Organiza e tem contos publicados em mais de 60 antologias. Gaúcha, mora em Cachoeira do Sul com o marido Fernando e a filha Anita onde trabalha como chefe do Museu Municipal, em um prédio histórico que lhe inspira todos os dias.

As paredes do apartamento estavam geladas, não tinha mais energia elétrica. Os alimentos findavam-se, por sorte ainda tinham água. Decidiram deixar o apartamento, era difícil, poderiam morrer tentando sair dali, mas certamente morreriam se ficassem.

Alice e Charles eram estudantes. Alugavam um apartamento confortável em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Estavam sozinhos, não tinham nenhum contato com as famílias há semanas.

Em frente à porta, Charles beijou os lábios da amada com delicadeza e afirmou:

— Nós vamos conseguir.

Conseguir o que? Era isso que eles não sabiam.

Alice juntou tudo que achava que iriam precisar na jornada. Toda a comida que dispunham e água. Vestiram-se com a máxima quantidade de roupa que puderam. Fizeram o sinal da cruz e saíram.

Santa Maria era uma cidade castigada pelo frio, é claro, somente no inverno. Alice lembrava que acompanhava nos noticiários. O solstício de inverno açoitava o hemisfério norte. Verão no hemisfério sul, um verão ardente. De repente, as mínimas batiam recorde em cima de recorde nos países do norte, não havia previsão de esquentar, mas era normal, era inverno. Na sequência, os noticiários informavam mortes, de frio. Não era de todo incomum, até que o número de mortos pôs a população em alerta. As autoridades pediram que ninguém saísse de casa, então aconteceu o previsível: o caos. Cidadãos estocaram comida, tentaram deixar seus países em busca do calor. O tráfego intenso parou estradas, aeroportos foram fechados e, as pessoas começaram a matar umas às outras, em busca de sobrevivência.

O mundo tinha os olhos voltados para os países do hemisfério norte, cientistas não conseguiam explicar. Meteorologistas não previam o final do inverno, até que, previram que a massa de ar frio tomaria o hemisfério sul. Alguns não acreditavam, outros correram para estocar comida, garantir que pudessem ficar em casa. O frio chegou rapidamente. Veio invadindo a América do Sul pela Argentina, Chile e dominou os estados do sul brasileiro em pleno fevereiro, no ápice do verão.

A princípio, as pessoas levaram a vida normalmente, o sul estava acostumado ao inverno, mas a mudança de temperatura foi muito drástica. As doenças respiratórias chegaram rápido. Os hospitais estavam lotados, mercados vazios. E a massa de ar frio ia fechando o globo de cima para baixo e de baixo para cima. Quando esfriou no nordeste a população já

estava em pânico por todo o Brasil. Nos lugares que não conheciam frio a catástrofe fora ainda pior. A população não dispunha de roupas adequadas e não tinha onde comprar, sendo que muitos, nem mesmo teriam recursos. As moradias não eram preparadas para o frio. Muitos morreram. Milhares. O norte e o nordeste brasileiro, juntamente com os países que fazem divisa e a América Central foram dizimados.

Alice chorou quando os apresentadores do telejornal desejaram boa sorte a todos e anunciaram que as transmissões seriam encerradas. Não havia previsão do clima esquentar em nenhum lugar do globo terrestre. Sem notícias as coisas ficavam um pouco piores.

Charles e Alice aguentaram um mês, mantinham o apartamento fechado, isolados, assim como muitas famílias. O país parou com a primeira nevasca. Era cada um por si. Em sequência acabaram a internet, energia, sinal de telefone. Para as pessoas restava esperar e morrer ou morrer tentando sobreviver.

A ideia de Charles era ir andando aos poucos, ficando expostos ao frio o menor tempo possível, tentar sair de Santa Maria ou encontrar um lugar com comida e água que pudessem esperar o frio passar.

Pelas escadas, desceram até a garagem e conseguiram entrar no veículo. O tanque estava pela metade, dava para chegar a algum lugar. Logo na saída da garagem um carro atravessado complicava a passagem do casal. Charles encostou na traseira do veículo e o empurrou, conseguindo passar sem muitos danos.

A rua estava deserta, a cidade vazia. Não estava nevando, mas havia neblina.

— Para onde vamos? — Charles perguntou.

— Acho melhor que a gente procure não ficar isolado, vamos precisar parar, talvez trocar de carro, achar comida.

— Grandes centros podem ser violentos, eu não faço ideia de para onde dirigir, não sei quais estradas estão dando passagem, e se nevar, temos que parar. Não podemos dirigir, é perigoso.

— Certo, não vamos desanimar sem começar. Vamos tentar sair da cidade, não vamos subir serras, para facilitar a viagem.

— Vamos usar poucas horas do dia, somente enquanto for claro. Rumo à Santa Cruz?

— Bora.

Charles dirigiu por algum tempo, com dificuldade deixou Santa Maria, foi preciso trocar de rua quatro vezes por causa dos carros que bloqueavam o caminho. Alguns cadáveres

decoravam as ruas. Desceram duas vezes para revistar os carros. Encontraram corpos, bolsas e alguns objetos. Charles queria pegar gasolina, mas não tinha nenhum recipiente. Quando enfim pegaram a rodovia, encontraram um posto de gasolina com algumas pessoas dentro. O dono estava armado na porta e deixou que eles abastecessem sem cobrar. Doou-lhes um galão cheio de combustível e uma mangueira caso fosse preciso tirar de algum veículo. Informou que não poderia ajudar com mais nada e desejou boa sorte.

Com alguma dificuldade dirigiram um pouco mais. Havia poucos carros parados, nenhum bloqueava a passagem, mas às vezes era necessário fazer alguns desvios pelo acostamento. Nas mochilas que coletaram, Alice achou alguns biscoitos, remédios. Tudo poderia ser útil. A maioria eram bolsas femininas, são as mulheres que têm a mania de carregar coisas, Alice ia separando tudo que não iriam usar (uma porção de maquiagem, carteiras pessoais e outras coisas), havia uma mulher que tinha a bolsa cheia de pedras. Quando abrissem o carro jogaria fora.

Dirigiram por cerca de uma hora e meia até que estavam em frente a um conhecido café colonial. Encostaram o carro. Estava tudo fechado. Charles colocou as mãos no vidro para fazer sombra e viu que o local parecia intacto. Esfriava rapidamente na rua. Deram a volta pelos fundos, dois cães de grande porte estavam mortos. Charles conseguiu colocar Alice pela janela do banheiro. Ela abriu a porta dos fundos.

Inspecionaram o local, tinham muita comida, mas parecia que algumas prateleiras estavam vazias. Os donos deveriam ter saído e levado muita coisa. Sem energia, o alarme não funcionava.

— Acho um milagre ninguém ter vindo até aqui, Charles.

— Ou as pessoas estão realmente com medo de sair às ruas, ou não sobrou muita gente na região.

Estavam aquecidos e tinham alimento para quase uma vida. Fizeram fogo na lareira e cozinham uma refeição de verdade. O ambiente era mais frio do que seu apartamento, mas com o fogo, era absolutamente suportável ficar lá. Improvisaram uma cama com os cobertores que tinham no carro e dormiram confortavelmente em frente à lareira. Tinham lenha em abundância nos fundos do prédio.

Ficaram naquele lugar quinze dias. Charles manteve o carro pronto para partir, carregado de alimentos. Mudou o veículo para os fundos do prédio. Todos os dias, dava partida no motor e tentava sintonizar alguma rádio, sem sucesso.

Era uma tarde fria, havia nevado no dia anterior quando um grupo de homens armados encostou uma caminhonete no café. Quebraram as vidraças das portas da frente e entraram destruindo tudo e gritando palavras.

Alice e Charles correram para os fundos assim que viram o barulho da caminhonete e entraram em seu carro. Alice tremeu quando Charles fez menção de dar partida. Ele olhou para dentro do café, viu os homens entretidos nas prateleiras de cachaças. Pediu a Alice que se abaixasse, sabia que um homem sozinho tinha mais chances de escapar.

Deu partida no carro e saiu rumo a rodovia. Um dos homens foi até a janela e olhou para fora, mas não pareceu se importar.

Na estrada, Alice trocava as estações de rádio, mudas, até que uma estação trazia uma mensagem inesperada:

Sobreviva! Há esperança! Venha para o Parque Nacional da Serra do Tabuleiro, em Palhoça, aqui podemos ajudá-lo, temos uma colônia e estamos bem.

A mensagem só dizia isso, repetidamente.

— Palhoça fica antes de Floripa, vamos tentar — e Charles acelerou o carro.

Em um dia normal poderiam levar oito horas de viagem. Naquelas condições de neblina, algumas nevascas e desviando veículos nas estradas, levaram um dia. Precisaram dormir no carro, escondidos.

Na estrada encontraram mais uma família viajando, mas todos fingiram que não haviam notado a presença do outro veículo. Não era uma época boa para se confiar nas pessoas. Passaram de Laguna quando acabou totalmente a neblina. No horizonte podiam ver claridade, como se fosse o sol. Viram pessoas pescando, barcos, carros. Ali, a vida parecia que andava de forma quase normal. Próximo a Serra do Tabuleiro havia uma placa indicando a colônia.

Diferente do que imaginavam, não havia cercas ou muros. Entraram no parque, onde brilhava o sol. Estava frio, mas era tolerável. Viram pessoas caminhando, conversando. Parecia uma comunidade hippie.

Os alimentos eram abundantes e naturais. Havia água potável. Charles e Alice compartilharam os mantimentos que levavam no carro. Foram muito bem recebidos por um estudante de biologia, responsável pelo local.

— O que afinal, está acontecendo? — Charles queria saber.

— Bem... não se sabe — o anfitrião foi dizendo — aqui cremos que a natureza está se vingando. São anos de poluição, desmatamento... não preciso dizer o resto, todo mundo sempre soube.

— E por que aqui não foi atingido? — perguntou Alice.

— Estamos fazendo um bom trabalho ambiental há anos, aqui a natureza é um santuário, creio que o caminho seja esse. Plantar, respeitar. Eu tenho notícias de outras colônias com sobreviventes. E o clima na região não está tão ruim. Espero que vocês dois fiquem para nos ajudar.

— Ajudar a fazer o que? — disse Charles.

— Recomeçar. Resgatar pessoas se for possível, plantar árvores, aumentar o nosso santuário. Ficar em sintonia com a natureza, e torcer para o clima melhorar.

— E acha que isto é possível?

— Podemos conseguir. Quem sobreviveu deve ter aprendido ou não teremos outra chance de aprender.





APRESENTAMOS O CONTO

QUATRO

POR HENRIQUE LETO

Sobre a autor: Henrique Batista Barbosa (Henrique Leto) tem 29 anos, é formado em Direito, atua na área de segurança pública e reside em Brasília/DF. Apaixonado pela existência humana e pelo absurdo, escreve ocasionalmente. Acredita no potencial transformador da literatura, principalmente quando ela suscita o estranhamento, por meio do ridículo, de situações corriqueiras.

J á se viu terra sem um dos cantos? É possível se falar em apenas três mares? Ou ainda, em um ou dois ventos? São quatro, sempre quatro. A inexistência de um deles evidencia o desequilíbrio em que estamos. Eu disse. Eu disse. Dos ventres, saíam homens debilitados de locomoção, sem ambas as pernas. Arrastavam-se na terra vermelha levantando poeira e sujavam suas mãos. O desequilíbrio, primeiro, o forçou à humilhação da condição humana. Além, retirou de si a capacidade de se destinar. Dos quatro membros, vieram dois. A metade. As mães encaravam o nascimento como uma dádiva, haja vista que chegava a notícia de que, em outros polos, nasciam homens sem cérebro, sob uma condição ainda pior. Onde estariam estes órgãos? Onde? Tivéssemos melhores olhos, poderíamos prescrutar sua origem, seu rumo. Que lhes fizeram a eles? Bebês, recém-desempacotados, surpreendiam. Dentro das mães, a proteção da pele humana era como um embrulho de presentes. É um presente: não importa o modelo. Este de agora, sem o braço direito. Calma. Aí vem outro do mesmo lugar. Que pena! Sem o braço esquerdo. O Homem não se decepçiona fácil. Aliás, até que sim. Mas o esquecimento sobrevém dias após. Algumas mães decidiam não mais procriar. Seus braços, contudo, manifestavam ânimo contrário. E pensou-se que não são mais tempos de supremacia de partes de gente sobre outras. Reconheceu-se que braços querem tanto quanto cérebros. Corações, por exemplo, ouvem o estouro de um tiro antes mesmo dos ouvidos, tanto que se pode senti-lo bombeando sangue mais rápido mesmo antes da consciência do ruído. Pupilas dilatam, sensíveis, antes inclusive do processamento e do envio da mensagem ao inteligentíssimo cérebro (óh, Sua Excelência O Cérebro!). Um corpo democrático é o que se defende. Um corpo em que haja voz além da voz. Em que haja ouvido além do ouvido. Em que os braços possam sonhar todas as noites, muito mais que qualquer mente, em segurar um bebê. Dois bebês. Três bebês. Mas não quatro bebês. Mulheres e mais mulheres tentavam. A maldição não as deixava alcançar mais que três, querendo tanto quanto querendo seus seios amamentarem.

Além, não bastavam as deformidades. Brotoejas vermelhas surgiam nas peles, seguidas de um amarelo nos olhos e unhas roxas. Desgraçados, por desprovidos d'A Graça. A vermelhidão se alongava e, em poucos dias, o indivíduo suicidava. Os bebês, de início, se lançavam da cama ao solo; quando não, tentavam se libertar dos braços maternos e pesavam suas cabeças desproporcionais no chão. Não mais temiam a gravidade. Os não-bebês saltavam de prédios, deixando pedaços de corpos espalhados por toda a cidade. Quisessem devolver seus membros ao etéreo, por que não o faziam

doando-os aos desfavorecidos? Perdoe-me se pareço mal-humorado. Mas a morte não é uma solução pra quem não morre. Passei, nesta hora, a agradecer que primeiro se deram as deformações. Menos membros espatifados nas ruas. Você, idiota, morre; e seu corpo continua aí, no mundo, sendo problema dos outros. Quanto menos corpo você tiver, melhor!

Que erros nós cometemos? O que nos trouxe até o fim? Não apareceu um premonitor. Não nos foi dada a honra de um oráculo. Acordamos de nossas vidas comuns condenados à danação eterna, simplesmente. Simplesmente. Alguns se socorreram aos livros sagrados. É Deus! É Deus, diziam. Sim, mas qual ou quais deles, questionavam outros. Conexões das mais diversas eclodiam entre os interpretados sinais, partidas tanto das mentes mais complexas quanto das mais sensatas. Outro dia vi uma garotinha de uns 4 anos vendendo jujubas no sinal. Perguntei-lhe quantas havia comido no dia. Disse-me que nenhuma, que preferia arroz com feijão, e que há 4 dias não comia um pedaço de carne. E que doce não era coisa de criança pobre (essa última parte ela não me disse; eu inferi). Quatro. Repetidas vezes o quatro. Podíamos conectá-lo aos polos do homem. Imaginar que há hemisférios também em nós. Que o Sul nos transporta, nos destina. Que o Norte nos conduz. Que o Oeste, à destra, é responsável pelas habilidades, construtor, arquiteto. O Leste configura, nesse sistema, uma prevenção à falha, ou, mais, a solução para a necessidade de ajuda. Em tudo, significado. Nada perambula por essas terras sem que haja significado. Já hoje, cheguei em casa e liguei a banheira de hidromassagem. Um torcicolo desleal com a existência me afetava. Que sofrimento! Laurinha! Eis o nome da garotinha. A hidromassagem parecia ter um pigarro. Tossia. Coçava sua garganta ou talvez retorcesse seu joelho. Não sou especialista nisso, não sei. Pensar o mundo judia a gente. Pensar... a todo tempo tem gente sendo estuprada, sendo roubada. Agora, agora mesmo a gente pode ligar a TV e presenciar mais mortes violentas. As mortes violentas não cessam (tampouco as TVs violentas). A cadeia alimentar cujo topo é ocupado pela Desgraça não muda. Nunca. E quando se finaliza um turno de 24 horas e um maldito bate na traseira do seu carro? É o fim! Atendi hoje mais de cem pacientes com as tais brotoejas, além dos dois partos. Na volta pra casa, havia criado um ambiente à parte dentro do meu carro. Sussurrava as canções, acompanhando a rádio. Passava uma leve brisa por trás dos meus olhos. Refrescava. Arrefecia um organismo que muitos diriam estar em ebulição. Depois de adulto, quando foi o último momento de completo atordoamento que tivera? Mesmo num segundo plano, a mente sempre trabalha, nessa idade, numa frequência

problemática, com sub-pensamentos de coisas a resolver, em projeções de afazeres. Daí, portanto, desistira de buscar momentos de prazer ou deleite, inviáveis ao tempo. Tentei muita coisa na vida. Não consegui. E aí, parei aqui. Um cara bateu no meu carro. Daí outro cara pulou do prédio em cima do meu carro. Algumas gotas de sangue na camisa branca; um carro bastante amassado. Sem família. Sem ninguém pra ligar e contar o que aconteceu. De que falava antes? do fim? De dentro de minha banheiro, decerto.

Se num mundo vivível as pessoas já não querem sentir o ar quente saindo de si, imagine-se, então, diante das grandes catástrofes. Uma larga crise em muito surpreende pelo impulsionamento dos suicidas. Trata-se de um meta-problema, surgido do principal. É previsível a ausência de suprimentos. O saque aos mercados. As invasões (e isso você vai ver inúmeras outras pessoas contando). Mas quais são as outras perturbações derivadas da instabilidade? Quem e quantos são os não-criminosos que passarão a cometer crimes? Qual crime deve ser mais gostoso de se cometer? Vamos lá, pode me dizer – é o fim do mundo. No cenário, com o que você tem romantizado em oculto? Queria eu ter sido um estelionatário. Vi esses dias uma senhorinha que falsificava documentos, se fantasiava e aplicava golpes em agências de aposentadoria. Foi presa depois de aplicar 18 golpes, cada um num estado diferente. Nada planejava com o dinheiro. Mais intencionava um esporte, sem fins lucrativos. Falta ao Direito Penal uma excludente de ilicitude que abarque o criminoso esportista, como uma forma de valorizarmos o espírito esportivo das gentes, mesmo antes do fim do mundo. A razoabilidade deve levar em consideração também a diversão; deve proteger a senhorinha aventureira. Seria a legítima defesa da diversão ou o direito ao não-tédio.

Em cerca de três dias, não sei se percebi corretamente, adornavam minhas coxas algumas manchas vermelhas. Em seguida, as famosas brotoejas. Não houve notícias de arrebatamento. A crise, inclusive, só piorava. Chequei meus olhos no espelho. Abri a boca. Olhos amarelos. Escrevo aqui por não ter ninguém. E não pela pretensão de ser lido. Afinal, quem gostaria de ler esta merda? Primeiro, as deformações, depois as marcas da morte, seguidas do suicídio (estes, nunca se soube se ocasionados pela enfermidade ou pela ruína do sistema). Ao fim, a escassez. As três ondas do apocalipse. Ainda assim, havendo um eventual leitor, permitindo-me lhe chamar de amigo, o único, saiba que tenho bajulado o suicídio. Não sou diferente dos outros. Visualizo um corpo fétido, o meu. Visualizo sangue no chão e sinto como se lá fosse seu lugar de origem. Passo a ponderar sobre a validade das leis da física e, em nada mais que trinta minutos, entendo com

absoluta clareza que elas nunca fizeram sentido. Por exemplo, que razão faz a gravidade? Que sentido faz estarmos circundados de um nada que nos força à união ao que é denso?

Eu sei onde estarei em poucos dias, ou horas, ou minutos. Você também sabe. Não somos eternos. Ouso, portanto, esboçar uma quarta onda apocalíptica: o renascimento da História sem o Homem. Com matagais e frutos de toda ordem. São quatro. Eu disse que são quatro, sempre. Deve-se aceitar O Fim. O Homem, enfim, retira forçadamente sua mão do triturador intitulado Desgraça. A natureza torna a mandar num Universo livre de manipulações antibióticas e ansiolíticas. E que morra o cérebro, o meu e o seu cérebro. Não há se falar mais em almas ou espíritos. Não mais céus ou infernos, purgatórios, pecados. Não se cogita sequer a ausência de membros, uma vez que todo membro existente é, por assim dizer, um membro. E se a matemática dissesse que faltam um ou dois deles, não importaria, pois a vida insiste. A vida vence a matemática. Na natureza, com alguma constância, veem-se, então, animais de três patas tranquilamente a caminhar. Igualmente, animais, coçando-se, saltam pelas árvores. Uns morrem na queda. Ninguém chora. Outros vivem. Ninguém chora. A escassez não se realiza, visto que só se consome o à disposição: sem frutinhas no crédito para o mico. A produção não se afeta pela falta de fornecedores – a Natureza tudo providencia ao preço módico do consumo dos seus irmãos ou de você mesmo.

A Desgraça deixa de existir. Deixa de existir a partir de mim.

Estas quatro páginas caem de um prédio.

Um salto.

APRESENTAMOS O POEMA
O GRANDE COLAPSO
POR LUCAS PESSÔ FENIMAN

Sobre o autor: Bacharel em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, especialista em Direito Penal pela Escola Paulista da Magistratura e em Filosofia e Teoria do Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Atualmente é servidor público e escreve poemas durante o tempo livre.

Em uns tantos anos

(serão tantos)

Depois dos buracos negros,

quando o restante evaporar

Uma última luz

ecoará pelas trevas

e banhará o vazio

com o divino.

Ela será tudo

e todas,

companhia da solidão,

sussurro na imensidão.

Ela contará histórias

ao silêncio

Ela será humana

(e ninguém saberá)

Uma poesia terminal

de coragem e ternura

Esperançosa

Apoteótica

Antes do tempo
perder o sentido;
antes do Universo
anular-se.

Enfim
Será o fim
E o fim, o começo
Nenhum deles existe mesmo.





APRESENTAMOS O CONTO

REUNIÃO DERRADEIRA

POR MARCOS SOUZA

Sobre a autor: Marcos Almir Almeida de Souza nascido em 1998, natural de Manaus, Amazonas, local onde reside atualmente, graduando de Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), professor residente na Escola Estadual Sólon de Lucena e aspirante a escritor. Escreve poemas e contos de temáticas variadas.

Às dezesseis horas os membros da Administração Global Illuminati (AGI) reuniam-se em Pripjat, na Ucrânia, para discutir sobre o destino da humanidade nos próximos dias. A longa e polida mesa contava com dezesseis homens vestidos com ostentosos ternos pretos, utilizados em contraposição a cor de suas faces. Luxúrias e rostos esmorecidos, sentados com as cabeças inclinadas para os smartphones e notebooks, silêncio absoluto, clareza em demasia, pés meneando de ansiedade, vaporizadores no canto das bocas.

De súbito irrompe na sala, com o seu característico braço biomecânico e seu bigode hirsuto, o líder-mor Winston O'Malley.

— Senhores, em vista da condição astronômica inevitável e a situação inóspita da Lua e dos planetas contíguos, declaro o “grande impacto” como irresoluto — afirmou O'Malley com abatimento e pesar.

As expressões de surpresa quebraram o silêncio até então predominante. Tacitamente, todos os dezesseis membros aguardavam de antemão essa declaração do líder-mor.

— A temática — continuou O'Malley — que vim debater nesta reunião é, especificamente, sobre a divulgação ou não dos dados do fatídico fim.

— Permita-me questiona-lo, senhor — inquiriu Fiódor Nabokov, magnata russo, recebendo um aceno positivo do líder. — Quanto tempo ainda nos resta, e por qual motivo não podemos adentrar em uma nave e sairmos antes do último dia?

— Pouco mais de duas semanas, Fiódor. Quanto à segunda pergunta: O impacto suscitado pelo *Supremo Cometa* dizimará até o seu último fio de cabelo, e mesmo se aportarmos com as melhores tecnologias do mundo... Uma hora ou outra os recursos irão se tornar escasso. Morte por terremoto, larva, furacões e meteorito ou por fome, asfixia, explosões, ser engolido por um buraco negro... Enfim, iniciemos o debate sobre propalar ou não a notícia.

O posicionamento e os argumentos dos membros cessaram em aproximadamente dezesseis minutos. Unanimidade. Todos estavam de acordo, as populações globais não tomariam conhecimento sobre o cometa.

— De fato, imagine se as pessoas soubessem... O caos, a obsolescência das religiões, a banalização da morte, o fim do inferno... A ignorância é uma benção. De qualquer modo o

fim iria chegar, é o dever do futuro, inextinguível, aliás, o futuro guarda todas as hipóteses — declarou O'Malley com um ímpeto filosófico e confuso.

Inesperadamente, Dante Arouet, trilionário francês que monopoliza o poder político e as indústrias vinícolas de seu país, interroga o chefe-mor.

— Mas senhor, de que adianta escamotear a verdade? A morte é o fim. Sei que mudar minha decisão não alteraria absolutamente nada. Parece-me que não há diferença alguma, o destino é o mesmo.

— Pegue — O'Malley sacou um revólver dourado de sua cintura e deslizou-o sobre a mesa na direção de Arouet. — Fique à vontade para se matar... “Não faz a menor diferença”, não é? — arremedou com gracejo.

Humilhado, o francês empurrou a arma para o centro da mesa com uma expressão tristonha.

— Senhor Arouet, certamente vossa senhoria tem dificuldade para compreender temas como a religiosidade, as deidades, as almas, os pecados... Quantas religiões o senhor conhece que professam um fim específico, um destinatário para as mortes, um axioma divino? — indagou retoricamente O'Malley. — Sim, muitas, acredite. A histeria tomaria conta de parte da população mundial, o suicídio poderia ser uma resposta corajosa e arriscada, o terrorismo, o caos...

— Perdoe-me, eu entendo, mas... Serão os últimos dias de vida das pessoas, elas não saberão... — disse Arouet, balbuciando.

— Você não saberia se não tivesse tanto poder em mãos... A condenação perpétua, amigo. O acerto de contas. O fim da história, dos sentimentos, dos deuses, do sofrimento, da felicidade, da morte — exclamou seguro das palavras.

— Acrescento ainda, senhor, que nós somos os que mais sofrerão, pois teremos que viver com essa agonia peremptória nos próximos dias, sem avisar para nossos familiares, nossos amigos — acudiu de modo pedante Rooney Cantwell, príncipe inglês.

— Certamente, bom ponto. O poder é doloroso e infiel — concluiu o líder.

Sorratamente as mãos de Arouet apossaram-se do revólver esquecido no centro da mesa. As palavras de despedida do chefe-mor foram interrompidas por um estrondo.

O'Malley encostou-se na parede com as mãos na barriga, aos poucos sua roupa encharcava-se de sangue.

Todos passaram a olhar surpresos para Arouet, sem entender o que se passara. Mark Franklin, magnata dono de todas as redes sociais existentes, silenciosamente sacou sua arma por debaixo da mesa, mirou em Arouet, que distante ainda estava com a arma em sua posse; atirou duas vezes, errou o primeiro e acertou o segundo, atingiu erroneamente Muhammad Zyan, o homem mais rico do mundo.

Os olhares duvidosos sobre se alguém fora atingido só cessaram quando viram Zyan bater com a cabeça na mesa, mas “quem atirou?”, as mãos de Arouet estavam sobre a mesa, não havia sido ele...

Subitamente, O'Malley, que já estava pálido e caído ao chão, com um rastro de sangue na parede em que deslizara, apontou uma curta submetralhadora com seu braço biomecânico tremelizando.

— Eu ainda tinha duas semanas, desgraçado! — exclamou com a voz trêmula e débil, e atirou seguida e difusamente.





APRESENTAMOS O CONTO

O FIM DO FIM

POR ROBERTO MINADEO

Sobre o autor: Roberto Minadeo estudou Administração de Empresas (USP). Publicou livros, artigos e capítulos de livros técnicos sobre Ciências Políticas e Marketing. Fez revisões e traduções de obras técnicas sobre negócios.

Em 2018 ingressou na literatura, com a antologia "Sonhos Fulgurantes", focada na fantasia, com uma versão ampliada, lançada na Amazon em 2020. Entre 2019 e 2020, teve contos publicados em antologias de diversas editoras. Em 2021 veio a público seu primeiro romance, "Duas Irmãs".

Ugo e Michela lamentaram: do modo mais abrupto possível, a lua de mel não era mais possível. Apenas passaram a se preparar, como toda a Humanidade, para o fim, anunciado em pleno desenrolar da cerimônia de casamento, em um elegante buffet de Milão. O desenlace era previsto para ocorrer em uma semana.

As piores previsões arrebataram todos os especialistas. Um grande corpo celeste vinha em rota de colisão com a Terra. Tratava-se de uma aberração: quando foi identificado pela primeira vez, cerca de dois meses antes, os astrônomos julgaram tratar-se de um cometa. Os observadores foram unânimes em afirmar que o objeto sofreu uma aceleração ao cruzar a órbita de Júpiter, mudando de direção e tomando o rumo da terra. Deixou de ser julgado um cometa por não ter a cauda de tais astros. Não podia ser um asteroide, porque sua rapidez era estonteante, e provavelmente vinha dos confins do sistema solar.

O anúncio fatal pipocou nas redes sociais e encerrou a festa sem que as pessoas sequer se despedissem, dado que tinham coisas urgentes a fazer, pois o caos se apoderou de todos: temor de falta de víveres, precauções ante possíveis saques, trânsito às duas horas da madrugada, e o esvaziamento da autoridade. O planeta viveu um pandemônio jamais presenciado pela espécie humana.

Os líderes de dezenas de países haviam feito o possível: num raro consenso haviam unido os esforços e encaminhado dezenas de foguetes com ogivas nucleares para destruir o intruso. Todavia, dada a enorme e crescente velocidade do astro, poucos chegaram ao alvo, sem terem causado qualquer dano digno de nota.

Tal fracasso deprimiu Michela. Emocionara-se até as lágrimas quando vira pela TV o lançamento de tantos foguetes e jamais duvidara do sucesso da missão. Conhecia tudo sobre mísseis, desde os anos de Liceu. Essa paixão a levava a ser Engenheira especializada em motores de aviação e a trabalhar em um centro de manutenção de turbinas próximo ao aeroporto.

O fim chegara. Michela sempre julgara que apenas uma guerra causasse tal desgraça. Com alguma ironia vislumbrou uma dupla vantagem em uma destruição causada pelo astro: um final rápido e indolor ao planeta e aos seus habitantes, e a ausência de qualquer culpa a ser atribuída a alguma nação agressora. Assim, o final seria sem dor e sem culpa.

Ugo era mais prosaico. Trabalhava na contabilidade de um banco. Sua vida continha duas partes. Por um lado, as abstrações numéricas de ativos e passivos, que ocupavam a maior parte de seus dias e que pagavam as suas contas. Por outro lado, a vida real, com Michela, os projetos para o futuro, o apartamento em Milão. E a lua de mel, por tantos países da Europa.

Haviam acompanhado os acalorados debates, nos quais se analisou a hipótese de carregar algumas espaçonaves com uns eleitos e mandá-los para fora da Terra, de modo a manter viva a humanidade na pessoa de alguns de seus mais excelsos representantes. Michela defendia essas expedições salvadoras, para manter viva a existência da humanidade, em uma fase pós-planeta Terra. Ugo as julgava inúteis, imaginando poucos anos de vida possível em um ambiente de total confinamento e com diminutas possibilidades de uma alimentação variada e saudável.

As agências espaciais se viram na obrigação de virem a público esclarecer que não haveria tempo hábil para se preparar uma expedição destinada a salvar a humanidade. As cápsulas existentes eram minúsculas, de modo que os seus viajantes viriam a ter vida curta. Além disso, nenhum grupo de bilionários havia demonstrado o menor interesse.

Essas declarações encontraram em Michela o mais pio assentimento. Ugo riu-se ao recordar os números que a contabilidade tantas vezes esconde a fim de trazer a lume uma “versão oficial” mais palatável; tinha a certeza de que os dirigentes das nações seriam capazes de tudo nessa reta final de seus mandatos. A seu ver, dada a certeza da destruição da Terra por uma força externa, a nação que conseguisse manter-se na existência, ainda que apenas com algumas poucas pessoas em “colônias espaciais”, seria a vencedora de uma guerra provocada por fatores externos à humanidade.

Um espetáculo incrível começou a ser observado nas principais megalópoles: milhões de pessoas saíam às ruas para observar o astro – cuja aproximação se fazia visível. Lunetas ou binóculos eram irrmãmente compartilhados.

Após a lua de mel ter-se esfumado, Ugo e Michela não desempacotaram quase nada dos presentes recebidos. Contavam somente com um colchão, edredons e os eletrodomésticos indispensáveis. Ao início do caos, logo após a festa, compraram alimentos congelados. Às noites, iam às praças próximas com biscoitos e uma garrafa térmica de café, e ficavam abraçados sob uma grossa manta. Sendo recém-casados, não tinham vontade de conversar com estranhos – apenas o desejo de se irmanarem à humanidade que, sofrida, aguardava desenganada o próprio fim.

Desconhecidos iam congregar-se nas ruas e praças das cidades, partilhando lanches e cobertores, como eles. As pessoas contavam coisas, desejosos de extravasar os seus sentimentos mais íntimos. Predominavam nesses colóquios o que os corações guardam mais ciosamente: momentos felizes, preocupações, temores antigos; e as conversas encerravam-se com a lamentação acerca de sonhos que jamais se poderiam materializar.

Rixas que se arrastavam durante décadas entre parentes ou vizinhos eram esquecidas. Pedidos de desculpas se tornaram desnecessários, substituídos por abraços e brindes. Ricaços franquearam as portas de suas casas, incluindo livre acesso a adegas e despensas. Michela e Ugo foram com os vizinhos a uma “villa” de Milão, de um magnata da moda. No fim da festa, uma surpresa: um desfile informal, que terminou com a distribuição de todas as peças. O público mal podia crer no que presenciava. E também havia joias e relógios; Ugo não duvidou em dar algumas cotoveladas para conseguir lugar entre os primeiros a chegar a esse balcão, apanhou um, depois olhou furtivamente aos lados e embolsou mais dois – recebendo uma reprimenda de Michela, que julgou inútil o início de tal coleção nessas circunstâncias.

Logo que os foguetes cheios de bombas fracassaram em sua tentativa de conter o perigo, os políticos se sentiram na obrigação de levar a público que todos os recursos da ciência haviam sido empregados. Infelizmente, o fim estava próximo. Implorou-se a manutenção da ordem. Inesperadamente, não foram observados casos de violência.

Com as academias fechadas, Ugo e Michela não mantiveram a disciplina de fazer exercícios longe das vistas de seus treinadores. A perspectiva que se avizinhava causou um grande relaxamento nos padrões de beleza reinantes.

E o que fazer nesses últimos dias? Um enorme pessimismo surgiu. Jamais se poderiam imaginar as consequências de tais previsões sobre as atividades levadas a efeito por bilhões de pessoas. Uma imediata atitude: o trabalho deixou de ter sentido. Afinal, se uma destruição total do planeta era iminente, qual a lógica de se produzir algo, de ter horários e chefes? Qual a motivação para sair de casa e enfrentar imprevistos que poderiam impedir a volta ao lar?

A situação mais penosa foi vivida pelos navios que vagavam nos oceanos: dado que se fazia impossível à maioria deles chegar ao destino, tiveram que atracar no porto mais próximo, local que nada representava às suas tripulações, por estar longe de suas famílias.

Os pintores, escritores e músicos, justamente os que são tidos por mais inúteis, se mantiveram ativos, dia após dia, até poucas horas antes do desfecho – dado que a motivação de suas tarefas não se deve à obtenção de resultados.

Quando as pessoas deixam de trabalhar, o caos entra em ação. A previsão era de que o pérfido objeto celestial atingisse a Terra uma semana após os foguetes terem falhado em destruí-lo. O que seria dos presídios sem agentes penitenciários? Muitos destes saíram após deixarem os portões abertos. Por incrível que pareça, a maioria dos libertos não saiu, por não poder se comunicar com os familiares. A surpresa da liberdade os levou à imobilidade, e preferiram manter o coleguismo junto a outros detentos à incerteza de palmilharem o mundo às vésperas do cataclismo.

Bois, ovelhas e demais animais criados para a alimentação humana enfrentaram a calamidade de serem deixados à própria sorte. Alguns poucos afortunados conseguiram romper as cercas de proteção e se aventuraram à busca de alimento. Não faltaram pessoas do campo que ficaram felizes ao lado de seus animais até os últimos instantes.

Tantas estruturas como aeroportos, depósitos, indústrias e quartéis se transformaram em cemitérios. Os postos de gasolina tiveram os seus estoques encerrados nas primeiras horas após o anúncio fatal. Companhias aéreas, ônibus, trens e até mesmo os táxis deixaram de operar. Pessoas que se encontravam longe de suas famílias correram para se comunicar, passaram horas despedindo-se de seus entes queridos, na triste certeza de que não seria mais possível vê-los. Os sistemas de comunicação rapidamente entraram em colapso.

Nos hospitais, apenas alguns plantonistas permaneceram em ação. Fiscais, bombeiros e policiais foram desmobilizados. Incêndios não faltaram: algumas fábricas abandonadas às pressas não puderam seguir os protocolos de segurança. Michela soube por colegas que toda uma ala do seu local de trabalho foi destruída por um dos maiores incêndios da região.

Antes de os últimos vigilantes abandonarem as agências bancárias, inúmeros cofres foram caprichosamente deixados abertos com a maior indiferença imaginável; apesar de o seu conteúdo estar disponível a quem quisesse, ninguém se interessou em levar para casa coisas inúteis naquelas circunstâncias, como pacotes de dinheiro ou barras de ouro. A pergunta sobre se o seguro iria ou não ressarcir algo após o final do mundo constituía uma total inutilidade.

Responsáveis pelas estruturas de comunicações e operadores de usinas elétricas não poderiam se dar ao luxo de mergulhar cidades inteiras no que seria um caos antes da destruição final. Então, impedidos de retornar aos seus lares, improvisaram acampamentos por perto. Os mais felizardos dentre eles puderam contar com a companhia dos familiares nesses últimos dias.

Noticiários deixaram de ser oferecidos, dado que bastava à noite sair de casa para ver a aproximação da besta, a única notícia dessa semana final. Os humoristas desapareceram; ninguém tinha coragem de brincar em uma hora dessas e o público não os toleraria, dada a gravidade da situação. O esporte perdeu qualquer significado: qual lógica da existência de jogos, se nenhum campeonato chegaria ao seu término?

Como as pessoas sobreviveram nessa triste semana final? Foram aos mercados nas primeiras horas após o fatídico anúncio, e se abasteceram, com o básico. Após essa distribuição final; as lojas se abandonaram, com as portas abertas para que todos os víveres e demais itens existentes ficassem à mercê de quem deles precisasse ou desejasse.

A internet se tornou o sonho de consumo desses momentos. Uma quase unanimidade dos seres humanos planejou um final em grande estilo, com filmes e seriados sem cessar. Nem todos conseguiram, pois a forte demanda levou tais sistemas à exaustão em poucas horas.

Todos quiseram passar os últimos dias regados a champanhe. Michela comemorou o fato de terem sobrado da festa de casamento nada menos que doze garrafas. Após uma longa negociação com Ugo, resolveram dividi-la com os pais de ambos, logo após o maldito anúncio. O casal começou a dar conta de uma delas por noite.

Apesar da acelerada queda de qualidade, o uso das redes sociais prosseguiu a todo vapor. Tentativas de comunicações entre amigos e parentes foram a tônica de bilhões de pessoas. Postagens de fotos de famílias felizes se mantiveram. Michela conseguiu falar com muitos dos que vieram à festa e agradeceu pelos presentes.

Cães e gatos se aperceberam de que pairava algo diferente no ar. A tristeza de seus donos a eles se comunicou. Uma semana sem trabalhar já representava uma situação única, suficiente para alertar os pets de que a situação reinante era fora do normal.

Chegou o terrível e grande dia. As pessoas mundo afora já se encontravam preparadas. Os cientistas haviam dito a hora exata do encontro final. Não haveria dor: uma grande explosão poria fim instantaneamente à Terra, que, fora de órbita, perderia a Lua. Pouco depois, os três astros seriam tragados pelo Sol. Um pequeno planeta a menos como a Terra não faria a menor diferença no que se referia à ordem do Sistema Solar; a falta da Lua tampouco deixaria rastro.

Chegou a hora. Bilhões de pessoas nas ruas. Apesar de não haver qualquer sentido, quase todas tiravam selfies junto aos seus entes queridos. Nunca se soube o motivo: em um distante vilarejo do Brasil surgiu a moda das bolhas de sabão – que viralizou pelas redes sociais. Mundo afora, todos – crianças, adultos e idosos – passaram a hora final cantando, dançando e soltando bolhas de sabão, com a preferência pelas coloridas. Era a forma de se despedir do planeta ao qual tanto devíamos. Ugo e Michela sentiram nessa hora que a Terra explodiria, mas para eles fazia mais sentido se despedir do que os tocava de perto, daí as fotografias e as bolhas de sabão, como forma de apalpar por derradeira vez o que até então os havia cercado.

Passou a hora e nada de o maldito corpo celeste surgir e esmigalhar a Terra em mil pedaços. Surpreendentemente, a primeiríssima reação foi negativa, de desencanto, pois todos se haviam preparado para o pior. Alguns minutos depois, passado o imprevisto estupor da situação, todos explodiram de alegria. Os abraços se multiplicaram. Tantas pessoas haviam compartilhado de tudo com os que os cercavam durante aquelas noites, que esperavam serem as últimas. Durante os dias e semanas seguintes, viu-se uma continuidade inesperada e unânime da renovada simpatia que vinha perpassando a humanidade. O inominado astro celeste realizara o milagre de deixar um efeito duradouro.

Os cientistas concluíram que o astro passou a centenas de milhares de quilômetros, sem causar transtornos à Terra nem à Lua. A trajetória do intruso foi inesperadamente desviada à última hora ao passar pela órbita de Marte. Em seguida, o monstro foi vorazmente tragado pelo Sol.

Aos poucos, as pessoas tomaram pé da situação e voltaram às suas atividades normais. As prisões, hospitais e demais serviços públicos retomaram as atividades. O comércio reabriu. Michela suspendeu os dias a que teria direito pelas férias e pela lua de mel, e arregaçou as mangas, junto com seus colegas, para reerguer a ala da fábrica que fora destruída.

Ninguém se arrependeu de ter distribuído indiscriminadamente seu estoque de vinhos. Melhor ainda: ninguém se queixou de ter abandonado rixas imemoriais. Muito pelo contrário. O mundo nunca mais foi o mesmo, as pessoas passaram a valorizar como nunca aquilo que lhes parecera importante ou inesquecível naqueles fatídicos dias.

Todavia, houve uma grande surpresa: os maiores bilionários do mundo, às vésperas do dia previsto para a destruição do Planeta, haviam embarcado com as famílias em quinze foguetes, apesar das afirmações contrárias a tais empreitadas que haviam sido alardeadas. Levaram os mais experientes astronautas para conduzirem as expedições, além de cientistas, artistas e políticos. A alegria da Humanidade ao ver a Terra intacta superou qualquer possível ira com relação a tais pessoas: eram ricas, fizeram o que quiseram.

Pelo contrário, o clima era de grande torcida para que colonizassem o espaço com sucesso, de modo a prepararem futuros locais para a humanidade crescer e sobreviver em situações iguais à que acabara de escapar. Outros motivos para esperar o sucesso dessas expedições estavam ligados ao aprendizado científico que certamente seria trazido – com tantas coisas a serem compartilhadas por aqui.

Ugo e Michela tiveram uma grande alegria alguns meses depois: a chegada do primogênito, que recebeu o nome de Gianluca. O mesmo se repetiu em tantos lares, coroando de lágrimas de alegria todas as lágrimas de terror e de ansiosa falta de esperança sentidas ao longo daquela semana.





APRESENTAMOS O CONTO

PELA RAIZ

POR ROBERTO SCHIMA

Sobre a autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pela história "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participa de várias antologias. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br. Instagram: @robertoschima.

Em meio às labaredas do Apocalipse, sua silhueta destacou-se.

Olhos púrpuras.

Corpo escaldante.

As asas entreabertas.

Dos lábios da discórdia, um sorriso de triunfo delineou-se entre redemoinhos de fogo.

A Besta.

Ria, ria e ria.

Blasfemo e exultante.

O suplício eterno.

A dor infinita.

Imperecível.

Desespero.

Após quatro milhões de anos, o cometa retornou da escuridão eterna. Quilômetros sob sua superfície, dois de seus principais habitantes aguardavam ansiosos. Eles e todos os demais a bordo chamavam a si próprios de Semeadores. E havia uma razão de ser.

Diante do visor que ocupava toda a parede abobadada, Ômega, o gigante prateado, suspirou.

— Faz muito tempo, Alpha.

— Tempo demais, meu amigo — respondeu o outro alienígena —, tempo demais...

O contraste físico entre ambos era flagrante.

Ômega possuía por volta de três metros de altura e sua constituição física era quase que completamente inorgânica. Seu "rosto" era uma placa metálica e no topo da cabeça exibía uma bela crista reluzente que se prolongava até atrás da nuca. Tinha uma estrutura rígida e forte. Membros poderosos completavam a imponência de sua figura. Suas mãos de quatro dedos podiam facilmente esmagar blocos de gelo tão rígidos quanto rochas... E rochedos, inclusive.

Alpha, por seu turno, tinha a metade da altura daquele. Sua cabeça, desproporcionalmente maior em relação ao corpo, guardava a maior parte de sua herança orgânica: tez pálida, olhos oblíquos, nariz diminuto, uma boca larga e sem lábios,

mandíbula angulosa e um enorme par de orelhas pontudas. O que mais o diferenciava de seus ancestrais primitivos era o cérebro exposto sob uma cúpula de cristal. Um dispositivo circular em sua testa exibia uma onda luminosa que tão mais acentuada se tornava a medida em que ele falava. Apesar de seu corpo magro e frágil, na mente residia todo o seu poder. A pedra que Alpha era incapaz de levantar com os braços, fazia-a despedaçar-se pela força de sua vontade.

Suas diferentes espécies, assim como muitas outras, uniram-se num passado remoto e formaram uma confederação pacífica de exploradores espaciais disseminados pela galáxia. Os Semeadores constituíam-se numa classe especial, cuja função — conforme a sua denominação bem o dizia — constituía-se em plantar a vida consciente nos diferentes mundos que orbitassem estrelas em suas respectivas zonas de habitabilidade.

O sistema solar do qual se aproximavam era o primeiro que revisitavam a fim de conferir o resultado.

Alpha também admirava a imagem do espaço exibida pelo visor, destacando-se ao centro a estrela branca cujo brilho crescia mais e mais. Ardia de curiosidade. Ergueu a cabeça para fitar o companheiro.

— Pense, Ômega: o que quatro milhões de anos de evolução não terá provocado em nossos brotos? Após a sementeira, este é o primeiro mundo no qual pousaremos nossos olhos. Frutificaram? Terão desenvolvido o raciocínio? Uma linguagem? Saberão lidar com o fogo? Terão criado instrumentos?

— A essa altura, se não foram capazes de desenvolver a escrita e uma civilização, terão fracassado enquanto espécie — retrucou o gigante. — Até onde posso imaginar, deveriam ter desenvolvido ao menos uma comunicação por ondas de rádio. Todavia, nossos instrumentos nada acusam.

— Ora, acabamos de emergir nesta parte da galáxia. Tenha fé.

— "Fé"? Palavra estranha, Alpha. Ainda mais vindo de você, um racionalizador por natureza.

Logo, os primeiros planetas foram alcançados e ultrapassados pelo cometa. Bem, em verdade, não se tratava de um cometa na acepção do termo. Era de um conjunto de civilizações espaciais agregado sob uma espessa crosta de gelo e rochas, capaz de dobrar o espaço ao seu redor ou viajar a velocidades relativísticas. Para seus ocupantes, o

equivalente a décadas havia transcorrido, ao passo que, no restante do Universo, centenas de milhões de anos tinham se passado.

Subitamente, foram surpreendidos por uma visão estarrecedora.

— Ali! — apontou Ômega.

— Pelos deuses da Criação. Desde quando esse sol tornou-se um sistema binário? Estamos no local certo?

O gigante prateado consultou os instrumentos. O brilho metálico de sua crista acentuou-se. Confirmou:

— Sim, é correto. Lá é o lugar da sementeira do gênero *Homo*.

— Mas só existia um sol!

Diante deles, surgindo por trás do sol branco, um outro astro cujo volume era pelo menos um milhão de vezes menor exibiu sua luz própria em tom alaranjado.

O alienígena de cérebro exposto perguntou:

— Será uma estrela anã capturada?

Ômega, ainda diante do painel, ergueu sua cabeça, desolado.

— Não se trata de uma estrela... É o nosso destino!

As ondas luminosas no dispositivo circular de Alpha enlouqueceram.

— O QUÊ?

Ômega mal pôde ser ouvido quando murmurou:

— Eles conseguiram, Alpha. Eles conseguiram... Recebo ecos de suas emissões de rádio, toda a história de seu povo retransmitida através do vácuo em esferas concêntricas e ricocheteada para nós.

Na tela abobadada, a imagem do espaço dissolveu-se, substituída por outras borradas em frenética sucessão. Estática. Sons também foram ouvidos, uma algaravia de milhares de anos e milhões de vozes em mil idiomas. Por fim, ambos tornaram-se nítidos.

Toda a história da civilização humana desenrolou-se perante os extraterrestres.

Alpha meneou a cabeça, sentindo-se muito velho.

— Não posso acreditar. Semeamos esse mundo com muita dedicação. Era tão belo e prometia tanto! Aguardamos pacientemente que os hominídeos germinassem, fincassem raízes, crescessem, florescessem para, quem sabe um dia, como sementes de dente-de-leão migrassem para o espaço e juntassem-se a nós. Jamais poderia imaginar que nossas sementes atingiriam tão rápido o seu estágio final...

A inteligência artificial que permeava o aglomerado de civilizações reorganizou os milhões de imagens, vídeos, textos e sons recebidos: clipes, filmes, documentários, programas de televisão, fotografias, músicas, noticiários, propagandas, revistas, jornais, discursos e desenhos animados. Condensou para o momento o que teria sido a evolução humana desde que o gênero *Homo* migrara para o norte da África e esparramara-se pelo mundo. A perda de sua pelagem. O uso de ferramentas de pedra. O domínio do fogo. Os primeiros abrigos. As aldeias. O surgimento da cerâmica e da metalurgia. O uso da roda. A escrita... As guerras.

Os conflitos acompanharam o ser humano desde os primórdios. A lista era interminável.

Clavas, lanças, arco e flecha, espadas, mosquetes, metralhadoras, canhões, bombardeiros, armas químicas e bacteriológicas, mísseis nucleares, titanotrons de alta amplitude.

Devastação. Sofrimento. Mutilações. Sangue. Morte.

Mesmo nos intervalos de paz o planeta assistira a inexorável expansão dos homens e a degradação ambiental deixada em seu caminho. Outras espécies escravizadas, utilizadas como cobaias, arrebanhadas para alimentação, extintas.

Chegara, então, o conflito derradeiro. A utilização de armas do Juízo Final, que transformaram a exuberância do terceiro planeta em um global oceano de chamas, cinzas e radioatividade.

Ragnarok.

Apocalipse.

Armagedom.

Alpha e Ômega a tudo observaram, horrorizados.

Os ombros de Alpha se curvaram como se experimentassem todo o peso do Universo.

— Devíamos ter feito alguma coisa!

Ômega ergueu as palmas de suas mãos fortes em sinal de impotência.

— Mas o quê? Estávamos distantes demais, cultivando outros planetas. Não tínhamos como saber. E, ainda que pudéssemos, pelo que acabamos de ver, não é fácil deduzir que seríamos recebidos da forma mais hostil possível.

— Não sei, Ômega. Quem sabe, poderíamos ter impedido o avanço desenfreado...

— Afaste o desalento de seu coração, Alpha. Agora é acadêmico. Esse mundo terminou. O cultivo foi um malogro e, na verdade, um alerta em relação aos outros mundos que iremos rever.

Alpha suspirou, quase podia sentir o fedor crestado do planeta.

— Sim, tem razão. Em sua insanidade, eles destruíram seu refúgio, seu lar, seus irmãos, sua memória e suas próprias vidas. Sua ciência, sua arte, seus sonhos... Tudo perdido. Fizeram de sua morada uma fornalha nuclear, faminta pelas entranhas da matéria. E para quê? Para ratificar um atestado de estupidez?

— Acalme-se. Vamos avisar o conselho e seguir adiante.

— Você está certo. Vamos...

De repente, um som estridente ecoou pelo salão esferoidal.

— UM SINAL! — berrou Alpha.

Foi seguido por outro e mais outro, várias vezes.

Ômega fez alguns ajustes e as cenas na tela foram substituídas novamente pela imagem do espaço, porém, de outro ângulo. Agora, o sol branco não aparecia e nem seu satélite agonizante. Via-se o negror do espaço e, ao centro, centenas de pontos cintilantes.

— Amplie a imagem — pediu Alpha.

O alienígena inorgânico atendeu.

Dessa forma, diante deles, surgiu uma frota de duzentas astronaves, cada qual com capacidade para transportar um milhão de almas. Flutuavam feito plâncton no tecido do oceano cósmico. Colônias a sair do sistema solar rumo ao Infinito. Veículos que as mais altas inteligências do planeta planejaram e construíram, prevendo o inevitável, selecionando seus melhores cérebros a fim de tentar reconstruir um novo futuro entre as estrelas.

— Inacreditável... — reconheceu Ômega, o colosso de prata.

— Eles ainda alimentam a esperança. Novas sementes de vida que, por conta própria, estão a dispersar-se na brisa. Mergulham no desconhecido. Persistência... Perspectiva... Fé.

— Afinal, há algo de admirável nessas criaturas — reconheceu Ômega, erguendo o punho cerrado. — São corajosos, admito.

O pequeno Alpha não respondeu. Deteve-se a pensar, refletir e, por fim, decidir. Concentrou todo o seu fluxo neural naqueles inúmeros pontos de luz. O cérebro pulsou no

interior da cúpula de cristal. Seu dispositivo circular, em vez de ondas, exibiu uma linha inerte de luz horizontal.

Concentrou... Concentrou... E aconteceu.

As astronaves explodiram feito fogos de artifício no céu escuro. O conjunto assemelhou-se a uma supernova. Belo em seu aspecto e profundamente trágico em seu efeito.

Pela primeira vez em sua existência inorgânica, Ômega perdeu as estribeiras.

— Por quê? — indagou, erguendo Alpha com uma das mãos. — Por que fez isso?

— Ponha-me no chão — falou Alpha, e não era um pedido. — Agora!

O gigante obedeceu. Toda a sua força física não representava coisa alguma diante do poder mental do outro. Mas ainda queria saber. Tinha esse direito e o ocorrido seria relatado ao conselho da confederação.

— Diga-me — exigiu, fazendo transparecer na voz a indignação que a face sem rosto não era capaz de expressar. — Por que destruiu as últimas criaturas do gênero *Homo*? Talvez não tivessem chance alguma na empreitada, mas mereciam tentar. E sua fé? Eles possuem algo de nós em seus genes!

Alpha encarou o companheiro. Havia um pesar profundo em sua fisionomia. Tinha perfeita noção do ato que acabara de cometer, afinal, era um Semeador. Esforçou-se por retomar o equilíbrio. Falou:

— Sim, *possuíam* algo de nós... Porém, não a melhor parte, meu amigo. Vi sua tripulação, seus pensamentos, seu arsenal. Representavam a elite de seu povo. Cada um deles pisou nos corpos de centenas de outros a fim de ocupar uma vaga nas astronaves. "Mereciam"? Tiveram quatro milhões de anos e falharam enquanto espécie. "Fé"? Você estava certo: eu precisava ser mais racionalizador. O mal que afligiu aquele planeta não podia ser propagado, alastrando-se pelo Universo.

Fez uma ligeira pausa e, voltando a mirar o espaço, novamente imerso na escuridão, concluiu:

— Eu arranquei as ervas daninhas pela raiz.

Agora, milhões de almas dilaceradas lhe pertenciam e, sob chibatadas, percorriam os círculos demoníacos até imergirem nos lagos de chamas em cujas profundezas ficariam acorrentados.

"Sois parte de minha podridão!"

Pois eram eles que haviam escrito seus destinos de próprio punho.

E firmaram com sangue.

Então, o brado percorreu caminhos tortuosos até alcançar os portais do Céu:

"O Inferno prevaleceu!"

Uma chuva torrencial desabou por milhares de dias.

Mas o fogo não pôde ser apagado.

NOTA DO AUTOR:

Escrevi esse conto baseado em uma história em quadrinhos que fiz há mais de quarenta anos, em 1979, intitulada "Em Busca da Nova Criação". Alguns tempo depois de ter desenhado essa história, adquiri o livro "Antologia Cósmica", organizado por Fausto Cunha e publicado pela Francisco Alves em 1981. Entre seus contos, figurava "Missão de Salvamento" (*Rescue Party*) de Arthur C. Clarke, o qual foi originalmente escrito nos anos 40. Senti-me frustrado na época, após sua leitura, por ver uma certa similaridade entre "Missão de Salvamento" e "Em Busca da Nova Criação". Escrevo isso a título de esclarecimento, caso alguém veja semelhança entre "Missão de Salvamento" e o presente conto, "Pela Raiz". (Não obstante eu tenha alterado dramaticamente o final em relação aos quadrinhos originais.) Eventos assim não são raros e até Fausto Cunha citou o desconforto de sua própria experiência na antologia.



APRESENTAMOS O CONTO
A CENTELHA DA VIDA
POR SID FONTOURA

Sobre a autor: Sid Fontoura é escritor e pesquisador literário. Além de participar de coletâneas de contos e crônicas, lançou em 2019 seu livro " O Escritor do Inacreditável" e em 2021 lançou seu segundo livro "O Executor".

Poderíamos chamar de abstração, ou simplesmente um truque de mágica. E então, quando ninguém estava olhado, surgiu alguma coisa, vindo não sabe-se de onde, e estava viva. Apareceu primeiramente no mar há quase quatro bilhões de anos, uma forma de vida, como uma única célula.

E com ela uma explosão de vida veio ao longo de milhões de anos, os primeiros organismos multicelulares começaram a se multiplicar. Era a vida dando seus primeiros passos. Vida gerando vida.

Quatrocentos milhões de anos atrás, uma grande extinção em massa matou quase todas as espécies no planeta, deixando rios, lagos e oceanos mortos, secos. Chamada de extinção Termo-Triássica, essa extinção é considerada a maior de todos os tempos, simplesmente pelo fato de que noventa e seis por cento de todas as espécies desapareceram do planeta e toda vida que temos hoje na Terra descende de apenas quatro por cento das que sobreviveram. Acredita-se que o motivo tenha sido uma erupção vulcânica gigantesca na Sibéria que causou aumento na temperatura do planeta.

Tudo indicava que era o fim, mas não era.

A vida não morreu, e devagar as plantas começaram a evoluir novamente. Com as plantas surgiram os insetos, para desaparecerem na segunda extinção em massa na Terra, chamada Triássico-Jurássico. Acredita-se que tenha ocorrido há aproximadamente duzentos milhões de anos atrás e destruído várias espécies. A partir dessa extinção os dinossauros se tornaram dominantes na Terra, já que vinte por cento de todas as famílias marinhas havia sido dizimada por erupções vulcânicas e mudanças climáticas.

E o ciclo repetiu-se de novo, e de novo. Mas a pequena célula de vida não se deu por vencida. Com os dinossauros, lutando pela vida, vieram também peixes, pássaros e muitas plantas. E a Terra novamente se encheu de vida.

Aí veio a quarta e quinta destruição, chamada Ordoviciano, nesta época a vida conhecida estava nos mares e mais de sessenta por cento foi dizimada. Acredita-se que tenha ocorrido há quatrocentos e cinquenta milhões de anos. E novamente a Terra devastou-se. Mas também novamente, não era o fim.

O homo sapiens apareceu muito depois, homem das cavernas, das pinturas primitivas, veio as crenças, veio a bíblia, passando por Aristóteles e Galileu, até chegar a conquista do espaço.

Temos uma incansável força dentro de nós que nos mantém sobre a Terra, e nos leva além dela. Pesquisando, catalogando o que chamamos de mundo natural, a medida que

ele vai desvendando-se para nós. Mas não somente o mundo natural nos causa curiosidade, muito ainda existe para ser estudado e aceito, dentro e fora da Terra. E tudo isto vai crescendo junto com a população gigantesca, todos descendentes daquela célula única original, aquela primeira centelha de vida, que não se deixa extinguir.

Mas apesar de todo nosso conhecimento, o que ninguém sabe dizer ao certo é o que, ou quem, originou aquela primeira centelha. Será que existe um plano, um propósito, ou uma simples razão para nossa existência?

Nós cairemos, como os que vieram antes de nós, no esquecimento, na sexta extinção? Que segundo os cientistas já esta a caminho.

Ou será que o mistério será revelado através de um sinal, um símbolo, ou até mesmo uma revelação?

Creio que começou como um ato de extrema violência, uma combustão crescendo assustadoramente para todos os lados, uma nuvem nascida de matéria e gás. Isto a bilhões de anos trás.

Mas afinal, de quem foi essa ideia?

Quem teve a audácia para tal invenção?

E o principal: qual a razão?

Será que há dez bilhões de anos trás nós já fazíamos parte deste plano?

Já estaria tudo programado? (se é que posso usar este termo).

Não creio que nascemos apenas para esperar a hora de nossa morte, mesmo que alguns religiosos acreditem tão somente que devemos multiplicar-nos e enchermos a Terra com nossos frutos (Genesis 1:28). Acredito que devemos abrir através de pesquisas caminhos para novas gerações, que possam decifrar este enigma

Podemos crer que tudo que tem um início, em algum momento encontra seu fim.

Mas aí eu me pergunto.... e creio que você também....

Será que a mão que acendeu esta chama, a deixará apagar-se?



APRESENTAMOS O CONTO
NÃO ERA MAIS O MESMO
MAS ESTAVA EM SEU LUGAR
POR TATIANA ARAÚJO

Sobre a autora: Pernambucana do lote de 1996, Tatiana Araújo gosta de escrever sobre limites e o que acontece quando eles são atravessados, relações turbulentas e pessoas por quem ninguém colocaria a mão no fogo. Indicada em duas categorias ao Prêmio Off FLIP 2021, Tatiana publica suas histórias de forma independente e como parte de antologias.

Aqui, o solo é branco e o céu é preto. Quando sento na janela a noite para observá-lo, o que vejo junto às estrelas é o planeta azul onde vivemos um dia.

Reli várias vezes a minha anotação no meu diário de criança antes de arrancar a folha e colocar no bolso. Lembrava-me de quando era o contrário. Eu era um dos poucos. A maioria que vivia ali agora nascera na nave, uma espécie de Arca de Noé para mulheres grávidas que havia partido na época do Pó: uma grande nuvem de areia radioativa que engolira, devagar, tudo aquilo que tínhamos.

Quando partimos, eu tentava abraçar a cintura da minha mãe, que já estava com uma barriga enorme na época. Minha irmã nasceu à bordo da Cápsula, um bebê rechonchudo que não me impressionou. Na estação espacial, perguntei se não teríamos quartos separados por cores, como a mamãe estava fazendo na nossa casa quando fomos levados pelo governo e ela me disse que ali, não. Nada de azul e rosa. Tudo na lua era branco, preto, cinza e prateado. Talvez, por isso, eu gostasse tanto de olhar para o céu e lembrar das paredes azuis com os pôsteres que eu colecionava. Aquele planeta distante me chamava sempre que eu podia olhar por uma janela ou quando explorava o território do lado de fora durante as aulas. Eu assistia aos bebês crescendo e se tornando crianças que não se importavam com o céu e me perguntava como devia ser não sentir aquela melancolia. Elas pareciam muito felizes.

Cresci. Minhas roupas ficaram pequenas e meu corpo mudou. O tempo não era mais uma questão nossa. Tínhamos alguns calendários marcando há quanto tempo estávamos lá para que soubéssemos a nossa idade, mas logo aqueles números foram ficando para trás. Não conseguíamos medir os anos da mesma forma e todos os cálculos se tornavam apenas uma formalidade.

Quando os *kamikazes* me procuraram, eu já tinha barba, olheiras e linhas de expressão bem definidas. Já vivera as emoções que conseguia evocar com mulheres mais novas, nascidas fora da terra e com o rosto menos marcado que o meu e já me cansara do que conseguia encontrar ali. Talvez por isso eles tenham me rastreado.

— O que alguém precisa ter para essa missão, além de inteligência, é a saudade. — O representante sussurrara para mim, me fazendo estremecer. *Saudade* era uma palavra apagada ali, perigosa. — Precisamos de alguém que lembre, alguém que não se sinta em casa aqui.

— Por quê? — Eu tinha perguntado.

— Porque existem mais chances de dar errado do que de dar certo. E em qualquer cenário, você não volta para cá. Acha que está pronto?

Tomei a decisão depois de vários dias sem dormir. Despedi-me da minha mãe com a justificativa de que trabalhava para o governo agora e não sabia quando voltaria. Ela chorou, mas não muito. Nada ali parecia real.

No treinamento, aprendi coisas que nunca achei que precisaria aprender. Como matar, como me defender, como me esquivar e como criar armadilhas. Como respirar sem o traje e os antigos modos. Só depois de saber de tudo, me mostraram a máquina e eu entendi a minha missão. A máquina marcava o tempo da Terra. No visor, havia a informação de que estávamos fora de casa há trinta e dois anos. Era para essa época que eu viajaria.

— Não corro o risco de virar uma criança quando chegar lá? Como o retorno não vai me afetar?

— Porque não estamos voltando no tempo. O passado está lá, o que você vai fazer é invadi-lo.

— Um invasor do tempo, não um viajante. — Refleti. Aquele título deixava a missão um pouco mais fácil. Era bom dar o nome real para as coisas.

O dia chegou. Antes de partir, almocei com a minha mãe e com Isabel, minha irmãzinha que nos contou que iria se casar. Comemoramos. Guardei aquele momento para quando estivesse preso no passado. Se a melancolia fosse a mesma que eu sentia ali, precisaria muito daquela memória. Levei comigo o pedaço de papel que me lembrava do lugar onde havia vivido com elas.

Na hora da partida, pedi para que virassem o visor da máquina para o céu. Tinha a esperança de que aquela visão me animasse, mas não senti nada. Não era para *lá* que eu ia. A distância era maior.

A viagem foi complicada. Não era difícil rasgar o véu do tempo com uma nave espacial. Vomitei em vários momentos e dormi na maior parte do trajeto. Quando a voz

robótica que controlava os sistemas da nave me informou que estávamos em terra firme, me escondi na cápsula em que dormia por mais algumas horas até me sentir pronto.

Do lado de fora, o sol queimou os meus olhos quando tirei o capacete. O visor era adaptado para proteger a minha visão, mas eu não devia continuar usando-o ali. Esperei até me acostumar com a claridade e, uma vez adaptado, segui o mapa que piscava no aparelhinho que eu carregava comigo. Estava em Santiago, minha cidade natal e também a capital mais próxima de onde a onda de pó começara causada por uma explosão química numa experiência que escondiam na Ilha de Páscoa. Os jornais na época tinham apenas uma pequena nota de rodapé para lamentar sobre os Moais destruídos. Estavam todos pensando demais na própria cabeça sendo engolida pela nuvem para que se incomodassem mais com a história perdida ali.

A nave me deixara no telhado da instalação que eu devia invadir. Era uma torre de transmissão secreta de onde eu poderia mandar uma mensagem para outros países denunciando o experimento. As consequências para o país seriam drásticas, mas evitariam a catástrofe. Se eu fosse um pouco mais patriota, talvez me sentisse mal, mas era difícil lamentar por uma casa quando todo o bairro se fora.

Estava abrindo a porta de ferro que me daria acesso à escada de emergência do prédio quando peguei a movimentação com o canto do olho. O telhado era cheio de antenas e painéis metálicos. Atrás de um deles, vi o brilho vermelho da arma e, sem pensar muito, me atirei no chão. Os tiros atingiram várias das antenas. Rolei para um canto e me escondi entre dois painéis, vendo a quantidade de marcas de tiro naquelas estruturas. O lugar parecia um campo de guerra.

Ouvi os passos se aproximando e rastejei até a porta. Estourei a maçaneta com um tiro e corri pelas escadas. Não precisava mais me esconder ali. Ouvi mais tiros atingindo a porta, mas eu já estava longe. Nem mesmo os passos nos degraus metálicos atrás de mim depois de algum tempo me assustaram. Consultei as informações no mapa digital e corri até a sala em que precisava estar. Depois daquilo, podia morrer. O importante era passar a mensagem.

Avistei a porta da sala de comunicações e me atirei contra ela. Era uma sala grande, mas abarrotada de mesas e computadores. No canto, havia uma plataforma e, em cima dela, computadores mais avançados. Era deles que eu precisava. Corri até a máquina com

a numeração que eu carregava comigo, apertei o botão para ligá-la e digitei as senhas que haviam me passado.

O barulho de um gatilho vazio sendo apertado chamou a minha atenção. Olhei para trás, com as mãos na cabeça. O homem que tentara me matar já estava carregando a pistola novamente. Eu sabia bem como fazer aquilo, empurrando o cartucho de cima para baixo e depois apertando os dois botões ao lado do cano para carregar o laser. Eu sabia porque era a minha arma.

O homem olhava para mim também sem capacete. Eu encarava os meus próprios olhos.

— Quando eu cheguei aqui, havia outro que era exatamente quem eu sou agora. — Ele fungou. Parecia muito cansado. Minhas olheiras, no seu rosto, eram mais profundas e ele também era uma versão mais magra de mim. — Eu o ataquei, não entendi nada, e só depois comecei a entender. A solidão é horrível, mas é necessária. Espero que você entenda.

Desataquei do cinto uma pequena bomba de efeito caótico e deixei que caísse entre nós. A sala explodiu em barulhos e luzes aleatórias. Escorreguei para o chão e engatinhei entre as mesas, procurando uma onde pudesse me esconder. Encontrei pouco antes do efeito da bomba parar e deitei-me no chão, coberto pelo tapete.

O meu clone seguiu me procurando. Eu não sabia se devia chamá-lo de clone ou apenas pelo meu próprio nome. O que era aquilo, afinal?

As botas dele pararam perto do meu rosto e eu puxei o que chamávamos carinhosamente de *faca de manteiga* do bolso: uma faca com uma lâmina feita de um laser que cortava qualquer coisa. Com um único movimento, passei-a pelos tornozelos daquele que tentava me matar. O homem caiu convulsionando, esguichando sangue das pernas. No chão, suas botas continuaram plantadas com os seus pés. Esperei que parasse de estrebuchar e saí do meu esconderijo. Uma das coisas que eu havia aprendido era a aguardar até que o perigo passasse, se pudesse.

Ajoelhei-me ao lado do corpo e fechei os seus olhos. Tudo era muito perturbador. Procurei no seu traje algo que pudesse me dar uma resposta. Era o mesmo que eu vestia. Seu mapa digital estava descarregado. Conectei-o ao meu e consegui ligá-lo.

Tudo o que tinha ali era o que eu vinha vendo na tela do aparelhinho que eu carregava. Sentei-me no chão ensanguentado. Aquele risco fora mencionado, mas era tão pequeno que tratávamos como se fosse ridículo. Que grande piada. Agora eu estava preso num *loop* até que descobrisse como desfazê-lo. Olhei para todo aquele sangue e levantei o corpo. Na parte de trás das suas pernas, havia uma mancha de sangue velho. Levantei e olhei para as minhas calças. Eu tinha a mesma mancha por ter me sentado naquela poça.

Quantas vezes aquilo teria acontecido? Há quanto tempo eu tinha partido?

Trêmulo, me afastei do corpo. Precisava raciocinar. Não podia matar o próximo que chegasse, porque se tudo desse errado como vinha dando antes, eu morreria e deixaria uma versão mais confusa de mim, pronta para errar do mesmo jeito. Para descobrir o problema e a solução, eu tinha que estudar tudo, tinha que tentar entender. Mas como eu iria *me* abordar sem esperar por um tiro? Se eu tivesse visto o homem antes dele atirar em mim, eu não teria atacado primeiro?

O barulho do motor da nave chamou a minha atenção. Era um barulho muito familiar. Outro de mim estava chegando. O melhor talvez fosse não tentar encontrá-lo, e sim correr para mandar a mensagem. Olhei para a porta e para o computador ligado, tentando tomar uma decisão. Se eu fosse visto ali pelos meus olhos mais novos ao entrar, era bem provável que também levasse um tiro antes de poder explicar.

Voltei para o meu esconderijo. Quando o novo viajante parasse para mexer no corpo caído entre as mesas, eu o atacaria. Pelo menos ganharia tempo.

Ouvi os passos na escada e a porta se abrindo. Apertei os botões para carregar o laser da arma. Tudo estava pronto.

Agachado, observei o novo par de pernas em calças brancas se aproximando. Os pés pararam quando se aproximaram do morto. Preparei-me para atirar. O visitante tirou o capacete e deixou-o no chão, longe da poça de sangue e ajoelhou-se ao lado do nosso corpo. Também tinha a arma na mão. Um movimento meu atraiu o seu olhar.

Aqui, o solo é branco e o céu é preto. Quando sento na janela a noite para observá-lo, o que vejo junto às estrelas é o planeta azul onde vivemos um dia.

Senti saudade da Lua. Um de nós atirou primeiro.





APRESENTAMOS O POEMA

APOCALIPSE DE MIM

POR VERONICA STIVANIM

Sobre a autora: Veronica Stivanim - Administradora, Redatora e Escritora. Autora de cinco livros: "Eu pensei hoje..."; "Gestão de Pessoas é coisa de Jovem, Sim!"; "Contei, mas é segredo!"; "Resgatando Meu amor" e "As Cartas que eu não mandei".

Apocalipse de mim,
Eu em frente ao espelho.
Quase não reconheci,
A menina de tranças no cabelo.
No labirinto de mim,
No avesso do que sou.
No apego pela cicatriz,
Achei que fosse amor.
Eu sem ar mais uma vez,
O mundo novamente acabou.
Chega de terminar,
O que nunca começou.
A verdade me confronta,
Eu exposta ao sol e nada.
No deserto da minha dor,
Sem água e sem palavras.
No labirinto da sede,
Ninguém mais é semelhante.
Devolva qualquer coisa,
Desde que não seja como antes!
Novo final do mundo,
Dessa vez não houve lágrimas.
O silêncio de um minuto,
Os covardes batem palmas.

Apocalipse do amor,
O avesso do meu querer.
Quebrar espelhos sem reflexo,
Na ausência de quase viver.
Esqueci que era eu,
Quem criava labirintos.
A chave entregue nas mãos,
De quem mente e eu sinto.
Sinto muito pelas tranças,
Pela carta e pela dança.
Até pelos espelhos quebrados,
No chão da dor do meu quarto.
Eu que não sabia,
Que o mundo não acaba.
Eu choro e me levanto,
Solidão, lição e lágrimas.
O espelho se refez,
Ainda há vida em mim.
Só que dessa vez,
Sou eu maior que a cicatriz.
Ilusões quebradas,
Não refletem nada.
Eu mais uma vez,
No ciclo da alma lavada.

Eu errei e eu amei,

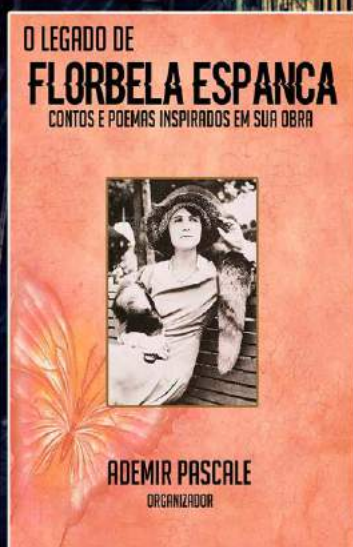
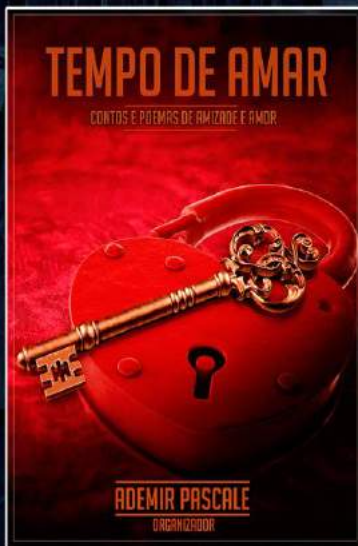
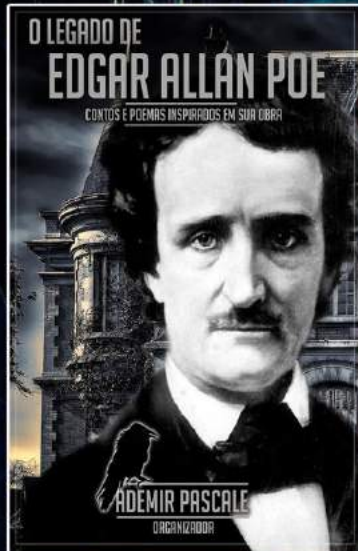
Limpo o rosto, tenho perdão.

O mundo se refez,

Apocalipse não é fim, é revelação.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI